

A. B. DE

PASCUA

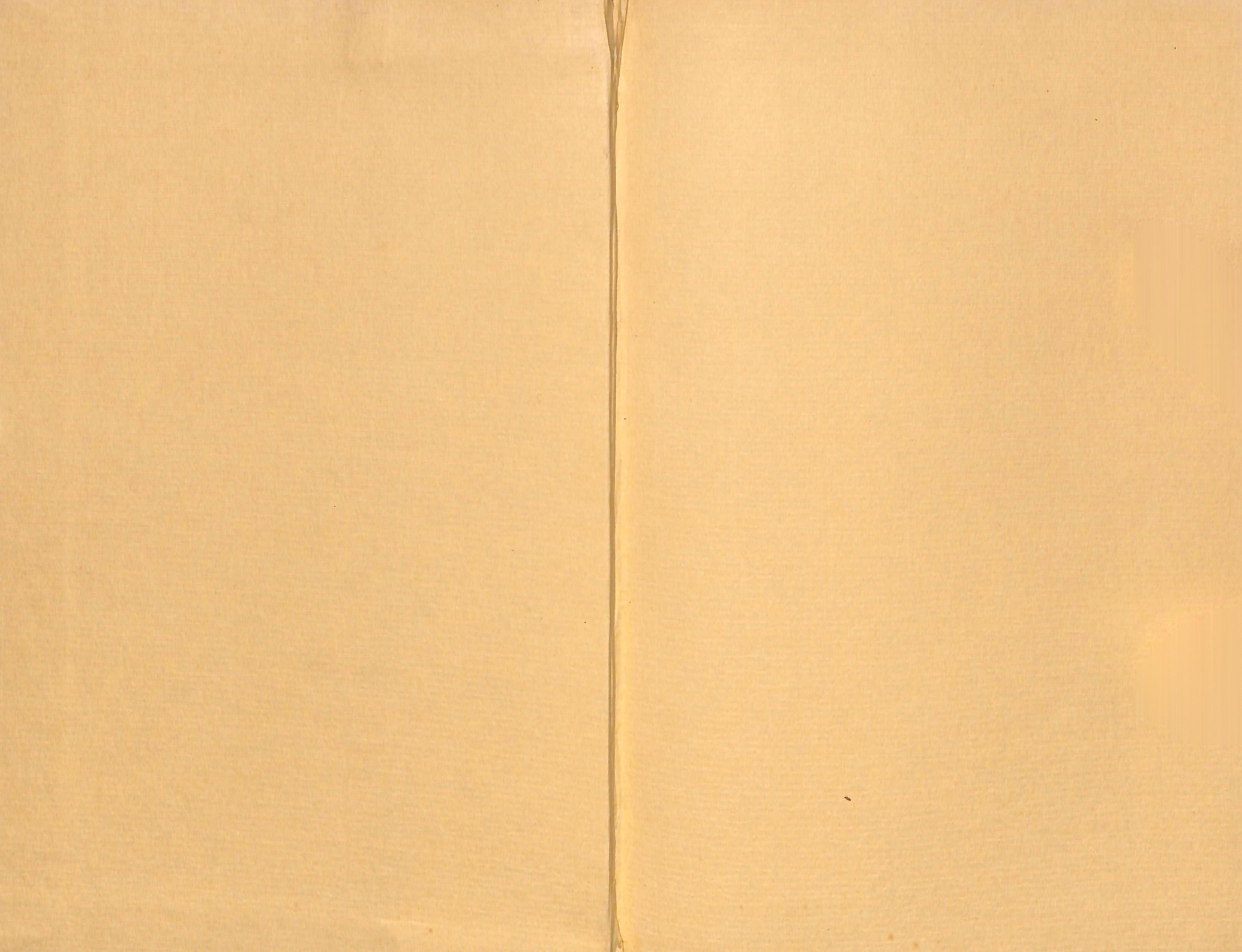
A  
PUPILLAS

DOS

NEGROS

MAGÔS





A PUPILLA  
DOS  
NEGROS NAGÔS

OU  
A FORÇA DO SANGUE

DRAMA ORIGINAL BRAZILEIRO  
EM UM PROLOGO, TRES ACTOS E UM EPILOGO

POR  
A. D. DE PASCUAL.

LIVRARIA DE B. L. GARNIER

69, rua do Ouvidor, 69

Grande sortimento de Livros classicos, Medicina,  
Sciencias e Artes, Jurisprudencia, Litteratura,  
Novellas, Illustrações, Educação, Devoção, Atlas,  
Mappas geographicos, etc., etc.

Livros francezes, portuguezes, inglezes, Italianos, etc.,  
Encarrega-se de qualquer commissão de Livros.

RIO DE JANEIRO

A PUPILLA DOS NEGROS NAGÔS

ou

A FORÇA DO SANGUE.

# A PUPILLA DOS NEGROS NAGÔS

OU

## A FORÇA DO SANGUE

DRAMA ORIGINAL BRAZILEIRO

EM UM PROLOGO, TRES ACTOS E UM EPILOGO

POR

A. D. DE PASCUAL.

*(Autoris Desdora)*

---

Este drama, embora impresso, não poderá ser representado  
sem licença do author.

---

**RIO DE JANEIRO**

INSTITUTO PHILOMATHICO — RUA SETE DE SETEMBRO N. 68.

—  
1870

AO ILLM. E EXM. SR. CONSELHEIRO

**DIOGO VELHO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE**

**INTELLIGENCIA ILLUSTRADA :**

**ALMA NOBRE E GENEROSA :**

**OFFERECE**

ESTA HOMENAGEM DE CORDIAL AMIZADE

*A. D. de Pascual.*

## PERSONAGENS DO PROLÓGO :

PEDRO ALVARES, fazendeiro.....	46 annos.
PEDRINHO, seu filho.....	14 "
JOÃO, traficante de escravos.....	40 "
O PAE JOSÉ, negro mina, escravo.....	50 "
RODOLPHO, pagem, mulato escravo.....	28 "
ROSAURA, mulher de Pedro Alvares.....	38 "
ADELINA, sua filha.....	8 "
MARIA DOS ANJOS, mãe de Pedro Alvares.....	63 "
AGAR, mulata escrava, muito clara, mucama.....	25 "
COLOMBIA, sua filha, mulatinha quasi alva.....	8 "

A scena do prologo passa-se n'uma fazenda perto de Campos.  
provincia do Rio de Janeiro.

Epoca 1846.



# PROLOGO

AGAR E SUA FILHA VENDIDAS A UM NEGOCIANTE DE ESCRAVOS

## QUADRO I.

Casa da fazenda: varanda com escadas em os dous extremos: terreiro ajardinado em ambos os lados. Agar cuidando de Adelina e Colombia. Páe José trabalhando nos canteiros.

### Scena I.

AGAR

*(Triste).* Sinhasinha, não vae lá... olhe que o páe José não gosta de que bulão nos canteiros. *(As duas crianças assentão-se nos degrãos da escada da esquerda e brincão com flores. Adelina puxa pelas orelhas de Colombia).* Socegue, Sinhá! Porque faz chorar a Colombia? *(Esta chora).*

PAE JOSÉ

Não chores, coitadinha, não chores... Agar, tira essa criança de perto da Sinhasinha... diabo!...

AGAR

Paciencia, páe José, isto é todo o dia. *(Agar pega na mãosinha de Colombia, Adelina chora e grita).*

PAE JOSÉ

Olhe Sinhasinha, que vou chamar nhonhô Pedrinho.

ADELINA

Não quero, não quero... *(chorando. Agar, deixando Colombia junto de páe José, vae socegar Adelina).*

PAE JOSÉ

*(Pegando em Colombia e fazendo-lhe festas).* Coitadinha! E' branca mesmo como um jasmim do Cabo... e é escrava! A escravidão é o diabo, minha filha!

AGAR

Si nós os escravos pensassemos, não teriamos filhos.

PAE JOSÉ

E' verdade!... (*Enxuga uma lagrima : deixa Colombia no chão : empunha com a mão direita o sacho, acaricia com a esquerda a cabecinha da mulatinha e fita o céu*) A escravidão é horrível, Agar! Eu escravo... vae... mas você e esta coitadinha!... Colombia tem oito annos: lembro-me d'aquelle dia como se fosse hoje.

AGAR

O' pae José, apanhe mais flôres para Sinhasinha.

ADELINA

Não quero, não quero!... a mulata me deo um beliscão... Ai! ai! (*chora*).

AGAR

Não chore, sinhá... onde está o signal? (*apparece na varanda D. Maria dos Anjos*).

MARIA DOS ANJOS

Que barulho é este? que te fizerão, minha filha? (*Adelina indo procurar sua avó*).

ADELINA

Colombia mordeu-me na mão!

MARIA DOS ANJOS

(*Afagando a sua neta*). Passa fóra, mulata do demonio. (*Colombia vae para o interior da casa*). Onde foi, minha filhá, onde te mordeu?

AGAR

Sinhá, não acredite no que diz a Sinhasinha: examine-lhe a mão.

MARIA DOS ANJOS

Atrevida, mulata, (*olhando para a mão da neta que nada tem*) vae lá dentro, vae depressa. (*Agar dirige-se para o interior da casa. Pae José continúa no seo trabalho*). Isso é nada, minha filha, já passou; mas hei de arranjar estas duas pestes da casa.

## Scena II.

OS MESMOS E ROSAURA.

MARIA DOS ANJOS

Olha, minha filha, já estou cansada destas duas escravas. A Colombia mordeu na mão da menina, e Agar teve o desafôro de me dizer que examinasse as cousas antes de fallar.

ROSAURA

Mas, minha mãe, são cousas de crianças:... minha mãe zanga-se

sem motivo. Onde está o signal? Eu estava no quarto e vi o que aconteceu. Adelina puxou pelas orelhas de Colombia.

MARIA DOS ANJOS.

Sempre serás a mesma tôla. Agar e Colombia, esses dous demonios, tem virado a casa ás avessas. Já estou cansada de aturar desafôros.

ROSAURA

Mas, minha mãe, esta menina está muito mal creada, e...

MARIA DOS ANJOS

Mas é minha neta, e a outra é uma escrava... (*Opae José espirra*). Nesta casa os escravos são os senhores; mas não era assim no tempo do meu finado marido.

ROSAURA

(*Pegando na mão de Adelina*). Vae lá dentro, minha filha, teu pae não pôde tardar em chegar. (*A menina sahe correndo. Maria dos Anjos e Rosaaura tomão assento perto da porta da direita, na varanda*).

MARIA DOS ANJOS

Olha, minha filha, eu devia, ha muito tempo, te dizer que a casa é um inferno por essas duas mulatas. O mais acertado seria vendê-las... (*O pae José olha de esguelha para a sogra de Rosaaura*).

ROSAURA

Vendel-as? Porque, minha mãe?

MARIA DOS ANJOS

Porque, porque? Eu cá sei: não quero fallar.

ROSAURA

Mas diga sempre, minha mãe.

MARIA DOS ANJOS

(*Olhando para todos os lados: o pae José afasta-se e esconde-se entre os arbustos*) Pois bem, estamos sós. Eu sou tua sogra, é verdade; mas quero-te como se fosses minha filha, e ha muito tempo que soffro por ti.

ROSAURA

Por mim, minha mãe?

MARIA DOS ANJOS

Por ti, sim, tu és tão boa que chegaste a ser tôla. Valha-me Deus! pois você não tem notado o procedimento de seo marido para com essa mulata?...

ROSAURA

Olhe, minha mãe, essas são historias velhas. Eu respeito o pãe dos meus filhos e.... perdõo os erros do homem. Sou muito orgulhosa para nivelar a minha altura com essa baixeza.

MARIA DOS ANJOS

Isso é muito bonito para ser lido n'esses romances que te encantão; mas quando vemos preferida pelo nosso marido uma escrava, eu, por mim, sei dizer, que no meo tempo o meo defunto quiz brincar uma vez, mas arrependeu-se....

ROSAURA

Si minha mãe está acostumada a esses barulhos, perdõo, eu não estou. Meo pãe era todo coração, e além d'isso era poeta: eu sou como elle.

MARIA DOS ANJOS

Esta é boa! Seja você toda coração, melhor; mas por isso mesmo hasde comprehender que não posso deixar passar desapercibidas certas cousas que mais adiante não terão remedio.

ROSAURA

Mas que cousas são essas, minha mãe?

MARIA DOS ANJOS

Não se trata já só de teo marido, trata-se de teo filho, do meo neto.

ROSAURA

Do meo filho? de Pedrinho? Meo filho é uma creança, minha mãe.

MARIA DOS ANJOS

E' uma creança de quatorze annos, e os meninos d'essa idade sabem agora mais do que os homens do meo tempo.

ROSAURA

Mas que fez o Pedrinho?

MARIA DOS ANJOS

Você é mãe d'estes tempos, eu sou avô d'aquelles: eis-ahi a differença do nosso modo de pensar; mas ouça sempre. O meo neto vem do collegio nos domingos e fêrias, como agora, e passa o tempo brincando com a mulatinha, que já tem oito annos: os doces, as flôres, os mimos, tudo é para a mulata: ensina-lhe a lêr e escrever: dá n'ella beijos e abraços, parece sua irmã: si alguem ralhar com ella o tal sujeitinho tem faniquitos. Que quer você mais? Tambem lhe é indifferente o seu filho? Falle, diga o contrario!....

ROSAURA

(Pensando). São creanças:.... e a nossa sociedade está constituída de modo...

MARIA DOS ANJOS

Que essas creanças dentro de poucos annos serão homem e mulher.

ROSAURA

(Séria). E que podemos fazer em casa, quando o mesmo acontece em todo o Brazil.

MARIA DOS ANJOS

Que podemos fazer? Esta é boa! cortar de raiz o mal. Se você, minha filha, não tem energia para fazel-o, deixe-me fazer, e verá como antes de vinte e quatro horas o negocio está concluido.

ROSAURA

Mas minha mãe, Agar é inoffensiva, e Colombia é innocente. Porque tornal-as ainda mais desgraçadas do que o que são no seo estado?

MARIA DOS ANJOS

Então você prefere a desgraça dos seos? Pois você não vê que Adelina não parece ser filha de seo marido e irmã do seo filho? Como é tratada por elles? Ora, ora, acabou-se, não quero mais escandalo na casa. (Entra o pagem Rodolpho).

RODOLPHO

Sinhã... sinhã moça...

ROSAURA

Que quer você?

RODOLPHO

O Senhor manda dizer a Vm. que vem com um homem já, já.

ROSAURA

Está bom. Onde está nhonho Pedrinho?

RODOLPHO

Está brincando com Colombia.

ROSAURA

Dize a Agar que venha com a Sinhasinha e com Colombia. (Rodolpho sahe).

MARIA DOS ANJOS

Eu lá vou. (Sahe).

ROSAURA

(Só). Casarão-me sendo creança: soffro, ha mais de quinze annos, toda a casta de martyrios, em silencio. Esta minha sogra é o genio do mal da casa. Ter educação entre pessôas que d'ella carecem, é morrer aos poucos.

**Scena III.**

A MESMA E PEDRINHO, *que entra correndo e fóra de folego.*

PEDRINHO

O' mamãe, vovò deo seis bôlos na coitadinha Colombia, porque estava brincando comigo. O' mamãe, vovò é muito mã! Vem mamãe, vem vêr... *(Pedrinho puxa pelo braço de sua mãe).*

ROSAURA

*(Com doçura e sem mostrar alteração).* Que hei-de eu fazer, meo filho? soffre com paciencia; talvez Colombia fez alguma diabrura.

PEDRINHO

Nada fez, mamãe; estava estudando comigo o alfabeto: e porque a coitadinha chorou, lhe deo seis bôlos.

ROSAURA

Mas você já sabe que sua avó não gosta de que você ensine a Colombia a lêr, e diz que Vm. a quer mais do que a sua irmã.

PEDRINHO

Adelina não gosta de estudar, mamãe; Adelina só gosta de brincar. *(O páe José, apparecendo por entre os arbustos, dirige-se para um canteiro ao pé da casa).*

ROSAURA

Bem, eu lá vou; mas Vm. fica aqui a minha espera: ouviu? Vm. não vem comigo agora: sua avó ficaria muito zangada com o senhor.

PEDRINHO

Eu espero aqui, mamãe. *(Rosaura sahe).*

PEDRINHO

*(Dirigindo-se para o páe José, que finge não ver nem ouvir a ninguém).* O' pai, que fez você do casal dos periquitos?

PAE JOSÉ

A benção nhonhô; Vm. estava ali?

PEDRINHO

Que fizeste do casal dos periquitos?

PAE JOSÉ

Ainda não estão promptos, nhonhô; aprenderão já dizer PEDRINHO!... PEDRINHO!... estão mansinhos,

PEDRINHO

Quando eu fôr amanhã por aquellas bandas, quero vel-os.

PAE JOSÉ

*(Apoiando-se no páo do sacho).* Pois não, meu nhonhô: quando Vm. vier lá, ouvirá como elles dizem PEDRINHO!... PEDRINHO!... Quando elles souberem dizer COLOMBIA, a coitadinha estará talvez muito longe de nós... *(páe José fita Pedrinho).*

PEDRINHO

*(Com admiração).* Porque?

PAE JOSÉ

Pois nhonhô não sabe que Agar e ella vão ser vendidas.

PEDRINHO

*(Indo perto do páe José).* Vendidas?... Não sejam tôlo. Quem te disse essa peta? vender Colombia! Colombia é minha.

PAE JOSÉ

Colombia é da sinhá velha.

PEDRINHO

*(Reflectindo).* Mas vovó m'a deu. . . Quem te disse?

PAE JOSÉ

Ouvi dizer...

PEDRINHO

Não sejam tôlo, páe José. Colombia não será vendida.

PAE JOSÉ

Deus o ouça, nhonhô Pedrinho, Deus o ouça, *(finca-se de joelhos diante de Pedrinho, tendo o sacho entre os braços).* Nhonhô, o negro está perdido se Vm. dizer que elle lhe disse que Colombia ia ser vendida. Pelo amor de sua mãe não diga que fui eu que lhe contei o caso. O negro está perdido, nhonhô, o negro está perdido!...

PEDRINHO

*(Acariciando o páe José).* Eu te prometto, pelo amor de minha mãe, que nada direi: fica tranquillo. Levanta-te e não chores.

PAE JOSÉ

*(Levantando-se).* Oh! meu nhonhô, a escravidão é cousa feia muito feia.

**Scena IV.**

OS MESMOS E O PAGEM RODOLPHO

RODOLPHO

*(Entrando).* O' nhonhô, lá dentro ha um barulho dos diabos, pancadaria de criar bicho. A sinhá velha não é de brincadeiras. Agar apanhou, Colombia apanhou, a mãe Raphaela apanhou; Agar chora, Colombia chora, a sinhá moça fechou-se no seu quarto: sinhasinha só ficou com a sinhá velha. Eu venho fugindo da trovoadá e do trabalho da vara de marmello.

PEDRINHO

Vovó acordou hoje com todos os diabos. Papai tem razão. Eu lá vou *(vae sair e Rodolpho o detem)*.

RODOLPHO

Fique, nhonhô, fique: Vm. quer metter-se n'aquelle barulho? Se sinhá moça nada pôde fazer, que fará Vm.? Olhe que vovó diz que Vm. é a causa de tudo. Vm. não apanhará; mas Agar e Colombia vão soffrer muito. Sinhá velha disse o diabo.

PEDRINHO

Eu lá vou.

RODOLPHO

Bom, eu já disse a Vm. o que vae acontecer.

PEDRINHO

Não faz mal: que me importa? Eu lá vou *(sahe)*.

PAE JOSÉ

Bello menino! Bom coração! Se todos fossem como nhonhô não haveria escravos desgraçados.

RODOLPHO

Cala a boca, páe: você é muito pateta. Elles são brancos, elles se entendem. Olhe, páe, este nhonhô será o mesmo que o senhor. Eu me lembro que Agar era o Ay-Jesu da casa, haverá seis ou oito annos: e agora?

PAE JOSÉ

Você, meu rapaz, é má lingua; não pôde fallar n'isso: eu cá sei.

RODOLPHO

Você nada sabe: vae limpando os canteiros. Agar acreditou que o branco queria bem á escrava... pois bom, agora sabe... sua filha é escrava e ella tambem.

PAE JOSÉ

Você falla por paixão: você devia calar a boca; escravo quer a sua liberdade e acredita que, tendo filho de branco, pôde conseguil-a; mas a escravidão é o diabo!

RODOLPHO

Isso é o mesmo que eu digo.

PAE JOSÉ

Escravo bom não é feliz: trabalha, trabalha, e sempre trabalha até morrer: escravo bom é burro de trabalho. Escrava bôa não é feliz. Senhor bom, escravo bom; mas sempre é escravo. Senhor mão, escravo mão; mas sempre é escravo. Sempre escravo, é o diabo. Eu não sei fallar; mas você comprehende.

RODOLPHO

Pois não! eu cá sei muita cousa; mas caluda! branco gosta de comprar segredo; e com os cobres compra-se tudo, até a liberdade.

*(Pelo lado esquerdo).* Rodolpho, ó Rodolpho! vem cá moleque!

RODOLPHO

*(De mansinho, para o páe José).* E' o senhor. *(Em voz alta).* Lá vou, senhor, lá vou. *(Sahe. Páe José esconde-se entre as arvores)*.

**Scena V.**

PEDRO ALVARES E JOÃO, o traficante de escravos, em trajos de viagem.

PEDRO ALVARES

*(Entrando no terreiro e dirigindo-se a Rodolpho).* Leva estas bestas lá dentro, e que dêem bom trato á do senhor *(dirigindo-se á João)*. Vamos, amigo, vamos á varanda; porque quero fallar-lhe sobre o negocio. *(Vao para a varanda e tomão assento)*.

JOÃO

Aqui está agradável: o sol crestava hoje as arvores.

PEDRO ALVARES

A fazendola não é má; mas os tempos não são bons para que digamos. Tenho falta de braços. Meu páe deixou muitas dividas, que ainda estou pagando. Como ia dizendo no caminho, quero vender tres raparigas e comprar com o seu producto dous negros reforçados para o trabalho. A fazenda é de minha mãe; mas já lhe fállei e não tem duvida.

JOÃO

O senhor sabe melhor do que eu que as escravas não são procuradas: enfim, veremos. Está quente. (*Assopra e passa o lenço pelo rosto*).

PEDRO ALVARES

Quer beber um copo de cerveja ?

JOÃO

Não se incomode...

PEDRO ALVARES

Agar ! ó Agar ! (*o páe José esconde-se ainda mais. Pedro Alvares assobia*). Agar ! ... Este nosso serviço é o diabo.

AGAR

(*Entrando com os olhos ainda chorosos*). Senhor ! meo Senhor ! (*João olha para Agar com olhos cobizosos*).

PEDRO ALVARES

Traze copos e cerveja. (*Agar sahe*).

JOÃO

Boa peça ! Entra também na venda ?

PEDRO ALVARES

Esta é a mucama de minha mulher. As tres raparigas de que lhe fallei são proprias para o trabalho da roça.

JOÃO

Pois, meu amigo, tres peças como essa darião tres bons rapazes para a roça. Isto lá no Rio vende-se muito em conta. Uf ! ...

PEDRO ALVARES

Sei ; mas é cria da casa... (*Agar entra trazendo n'uma bandeja copos e cerveja : detraz d'ella vem com ar carrancudo D. Maria dos Anjos, que fica na porta olhando para os tres. Pedro Alvares vae tomar o saccarolhas e vê sua mãe : dirige-se para ella, e beija-lhe a mão, dizendo :*) Minha mãe... o Sr. João, de quem fallei a Vm. esta manhã.

MARIA DOS ANJOS

(*A João, que se levanta*). Esteja a seu commodo.

JOÃO

Conheço V. Ex. do tempo de seu defunto. Aquelle é que era um homem. Portuguez de peso. Hoje tudo está mudado.

PEDRO ALVARES

(*A' Agar*). Deixa a bandeja sobre a cadeira e podes te retirar. Dize a sinhá que eu estou aqui.

AGAR

A sinhá já sabe, senhor.

MARIA DOS ANJOS

Passa fóra. (*Agar sahe*).

PEDRO ALVARES

Ia mandar chamar minha mãe.

MARIA DOS ANJOS

(*Assentando-se*). Eu vinha ter com Vm.

PEDRO ALVARES

Que ha de novo, minha mãe ?

MARIA DOS ANJOS

(*Dirigindo-se a João*). Estes escravos estão perdidos. Essa rapariga, por ter sido tratada como uma filha, não presta para cousa alguma.

JOÃO

Estas mulatas são as peiores. Olhe, minha senhora, eu que ando traquejado na lida com esta gatinha, sei o que são estas mulatas.

PEDRO ALVARES

Vamos, minha mãe, vamos tratar do negocio e deixemos por enquanto a mulata. Se faltou, castigue-se.

MARIA DOS ANJOS

O castigo é simples. Quero vendel-a juntamente com sua filha.

PEDRO ALVARES

Vandel-a, minha mãe ?

MARIA DOS ANJOS

Hoje mesmo.

PEDRO ALVARES

Fallaremos... (*dirigindo-se a João*). Sr. João, já disse a Vm. que desejava vender tres creoulas ou trocal-as por dous negros. Minha mãe consente ; de modo que podemos vel-as e fechar o negocio.

JOÃO

Como o senhor quizer.

MARIADOS ANJOS

Consinto ; mas com a condição de que serão vendidas juntamente com a mulata e sua filha.

PEDRO ALVARES

Sobre isso temos que fallar.

MARIA DOS ANJOS

Eu disse a ultima palavra : é a minha propriedade e posso fazer d'ella o que me aprouver.

PEDRO ALVARES

(*Encolhendo os hombros*). Vamos lá dentro, Sr. João, ver a gente e depois fallaremos.

JOÃO

Estou ás ordens. (*Sahem os tres*).

### Scena VI.

(*Páe José espia e, depois de ver sahirem os tres, vae para um lado do terreiro, fazendo signaes com a cabeça e diz :*)

PAE JOSÉ

O negro não sabe fallar ;... mas o negro tem coração :... negro escravo, só enforcando-se, será forro. Branco diz que Nosso Senhor Jesus Christo morreu por nós : negro José quer morrer por esta criança. Vendel-a ! Diabo ! não a venderão. Eu cá sei... Não a venderão. (*Entra Agar levando pela mão Adelina, muito bem trajada e detraz d'ella Colombia com camisa de escrava*).

PAE JOSÉ

(*Dirigindo-se para Agar e fallando-lhe com muito mysterio*). O' Agar ! escuta, escuta depressa,

AGAR

(*Assombrada*). Não pôde ser !... elle não pôde consentir... é... (*olhando para Colombia*) impossível. (*Páe José volta e fallalhe ao ouvido*).

AGAR

(*Deixando as duas crianças na varanda*) Não, páe José, não pôde ser... e se fosse... oh ! se fosse !...

PAE JOSÉ

Negro velho sabe tudo, rapariga, sabe mais do que você... ahi está a velha... (*Apparece na varanda Maria dos Anjos*).

MARIA DOS ANJOS

Sinhasinha, vai lá dentro com tua mãe. (*A menina vai ter com sua avó que a empurra para dentro*).

PAE JOSÉ

A benção, nanhã. (*E continúa no seu trabalho*).

MARIA DOS ANJOS

Nhonhô Pedrinho está por ahi, páe José ?

PAE JOSÉ

Não vi, nanhã.

MARIA DOS ANJOS

(*Dirigindo-se a Agar*). Você com sua filha vão para dentro. (*Sahem as duas*).

### Scena VII.

MARIA DOS ANJOS, PAE JOSÉ, PEDRO ALVARES  
E JOÃO entrando.

JOÃO

Dous contos as tres estão muito bem pagas :... nem um seutil mais.

PEDRO ALVARES

E' pouco : são tres peças fortes, sadias, vistas e moças.

JOÃO

Mas o senhor deve saber que o seo serviço é de pouco prestimo. Enfim, os senhores pensem : agora não posso ficar, tenho um negocio urgente.

MARIA DOS ANJOS

Mas vae-se embora já ?

JOÃO

Devo ir ; porque trata-se de alguns contos de réis e não posso perder a occasião. Voltarei amanhã.

MARIA DOS ANJOS

Porque não fica ? Já é tarde.

PEDRO ALVARES

Póde pernoitar aqui.

JOÃO

Se fôr possível, voltarei ; mas não esperem.

PEDRO ALVARES

Esperaremos até a noitinha.

JOÃO

Os senhores mandão.

PEDRO ALVARES

Então até logo.

JOÃO

Até logo. Faça o favor de mandar apromptar a besta.

PEDRO ALVARES

Espere... quer... o rapaz lá vem.

JOÃO

Eu vou com elle. Sem mais, até logo. *(Sahe pela direita).*

### Scena VIII.

OS MESMOS E PAE JOSÉ *trabalhando ainda nos canteiros.*

PEDRO ALVARES

*(Olhando para o lado por onde sahio João, e sentando-se perto de sua mãe na varanda).* Elle dará os dous contos e quinhentos.

MARIA DOS ANJOS

Mas Vm. nada tratou a respeito da mulata e de sua filha?

PEDRO ALVARES

Mas minha mãe quer vender a mulata?

MARIA DOS ANJOS

E' a minha vontade: hoje mesmo devem ser vendidas ella e sua filha.

PEDRO ALVARES

Mas porque quer Vm. vender duas crias da casa, uma innocente, e outra que nunca deu motivo para ser punida com essa severidade? Emlim, si os negocios fossem tão mal que se tornasse necessario esse sacrificio, ainda bem; mas sem motivo plausivel?

MARIA DOS ANJOS

*(Olhando com ironico sorriso para seu filho).* Sem motivo!... Si se tratasse só de Vm., diria com minha nora « respeito o pãe dos meos netos e despreço o homem; » *(Sensação no rosto de Pedro)* mas trata-se de meo neto, e a cousa muda de figura.

PEDRO ALVARES

Do meo filho!?...

MARIA DOS ANJOS

Do seo filho, sim senhor, do seo filho, que tem quatorze annos, e que não pôde viver sem a mulatinha.

PEDRO ALVARES

Colombia não será vendida:.... da mulata faça Vm. o que quizer e não fallemos mais n'isso.

MARIA DOS ANJOS

Mãe e filha serão vendidas: seria uma crueza separal-as: serão vendidas e ficaremos livres d'essa peste. Vm. deve saber que sua mulher e eu estamos fartas de aturar desafôros por essas duas peças.

PEDRO ALVARES

Perdõe, minha mãe, mas note que está fallando aqui na varanda e que parece que quer renovar scenas passadas e até esquecidas.

MARIA DOS ANJOS

Esquecidas talvez pelo senhor; mas não pelas pessoas que soffrerão e soffrem as consequencias do seo pouco juizo. Seo pãe tinha a qualidade de ser franco, disse-me a verdade, perdoei e... você sabe o que fizemos pela rapariga; Vm., porém, teima, e teima; e eu sou ainda mais teimosa. Serão vendidas as duas: eu sou a senhora de tudo.

PEDRO ALVARES

A senhora pôde fazer o que lhe aprouver; mas tome sentido, olhe para os resultados.

MARIA DOS ANJOS

Esta é boa. E que resultados pôdem haver?

PEDRO ALVARES

O tempo lh'os fará conhecer.

MARIA DOS ANJOS

Eu os conheço, ha muitos annos; são cousas comesinhas nos nossos costumes. Vm. devia ter pensado antes n'elles, ou... deixe-me dizer a verdade... ter mais coração.

### Scena X.

AGAR

*(Entrando fóra de folego).* Meu senhor, pelo amor de Deus,



PEDRO ALVARES

Esperaremos até a noitinha.

JOÃO

Os senhores mandão.

PEDRO ALVARES

Então até logo.

JOÃO

Até logo. Faça o favor de mandar apromptar a besta.

PEDRO ALVARES

Espere. . . . quer. . . . o rapaz lá vem.

JOÃO

Eu vou com elle. Sem mais, até logo. *(Sahe pela direita).*

### Scena VIII.

OS MESMOS E PAE JOSÉ *trabalhando ainda nos canteiros.*

PEDRO ALVARES

*(Olhando para o lado por onde sahio João, e sentando-se perto de sua mãe na varanda).* Elle dará os dous contos e quinhentos.

MARIA DOS ANJOS

Mas Vm. nada tratou a respeito da mulata e de sua filha?

PEDRO ALVARES

Mas minha mãe quer vender a mulata?

MARIA DOS ANJOS

E' a minha vontade: hoje mesmo devem ser vendidas ella e sua filha.

PEDRO ALVARES

Mas porque quer Vm. vender duas crias da casa, uma innocente, e outra que nunca deu motivo para ser punida com essa severidade? Emfim, si os negocios fossem tão mal que se tornasse necessario esse sacrificio, ainda bem; mas sem motivo plausivel?

MARIA DOS ANJOS

*(Olhando com ironico sorriso para seu filho).* Sem motivo! . . . . Si se tratasse só de Vm., diria com minha nora « respeito o pãe dos meus netos e despreço o homem; » *(Sensação no rosto de Pedro)* mas trata-se de meo neto, e a cousa muda de figura.

PEDRO ALVARES

Do meo filho!?. . . .

MARIA DOS ANJOS

Do seo filho, sim senhor, do seo filho, que tem quatorze annos, e que não pôde viver sem a mulatinha.

PEDRO ALVARES

Colombia não será vendida : . . . da mulata faça Vm. o que quizer e não fallemos mais n'isso.

MARIA DOS ANJOS

Mãe e filha serão vendidas: seria uma crueza separal-as: serão vendidas e ficaremos livres d'essa peste. Vm. deve saber que sua mulher e eu estamos fartas de aturar desaforos por essas duas peças.

PEDRO ALVARES

Perdôe, minha mãe, mas note que está fallando aqui na varanda e que parece que quer renovar scenas passadas e até esquecidas.

MARIA DOS ANJOS

Esquecidas talvez pelo senhor; mas não pelas pessoas que soffrerão e soffrem as consequencias do seo pouco juizo. Seo pãe tinha a qualidade de ser franco, disse-me a verdade, perdoei e . . . você sabe o que fizemos pela rapariga; Vm., porém, teima, e teima; e eu sou ainda mais teimosa. Serão vendidas as duas: eu sou a senhora de tudo.

PEDRO ALVARES

A senhora pôde fazer o que lhe aprouver; mas tome sentido, olhe para os resultados.

MARIA DOS ANJOS

Esta é boa. E que resultados pôdem haver?

PEDRO ALVARES

O tempo lh'os fará conhecer.

MARIA DOS ANJOS

Eu os conheço, ha muitos annos; são cousas comestinhas nos nossos costumes. Vm. devia ter pensado antes n'elles, ou . . . deixe-me dizer a verdade. . . . ter mais coração.

### Scena X.

AGAR

*(Entrando fóra de folego).* Meu senhor, pelo amor de Deus,

mate-me, sou sua escrava; mas não venda minha filha! (*Cahe de joelhos perante Pedro Alvares*).

PEDRO ALVARES

Que é isso, rapariga? Você é doida?

AGAR

(*Chorando*). Não, meo senhor, não venda minha filha. . . .

MARIA DOS ANJOS

Esta mulata é o diabo! Atrevida, cachorra. . . .

PEDRO ALVARES

Levanta, Agar: perdeste o juizo?

AGAR

O' meo senhor, a sinhá velha (*dirigindo-se para a mãe de Pedro Alvares*) disse lá dentro que ia vender-nos hoje mesmo. Mate-me, meo senhor; mas não venda Colombia (*chora*).

MARIA DOS ANJOS

Isto é um desafôro! Vae para dentro, cachorra: vou mandar te dar uma boa sóva.

PEDRO ALVARES

Minha mãe, a senhora tenha paciencia, mas. . . .

MARIA DOS ANJOS

Tenha paciencia! . . . Esta é boa! (*dirigindo-se para Agar*). Sahe para fóra, mulata atrevida, sahe. Serão vendidas. . . depois de levar uma boa sóva.

AGAR

Mate-me, meo senhor, mas não venda minha filha: minha filha é. . . innocente. . . ella não quiz nascer. . . a culpa é minha.

MARIA DOS ANJOS

E Vm. (*dirigindo-se para o filho*) atúra estes desmandos? Sahe para fóra, cachorra! (*Vae dar na escrava e Pedro Alvares inter-põe-se entre sua mãe e ella*).

PEDRO ALVARES

Minha mãe, perdôe, tenha paciencia.

MARIA DOS ANJOS

Só faltava-me ver isto no ultimo quartel da vida. Serão vendidas ou mortas a vergalho. (*Sahe. Pedro Alvares segue sua mãe. Agar fica de joelhos e o páe José espia por entre as arvores*).

## QUADRO II.

Sala de jantar com duas portas, uma que vae á cosinha e outra que dá ingresso ao interior da casa. E' de noite. Ha duas janellas no fundo que devassão o campo e as sanzalas dos escravos. Na sala ha uma meza, sobre ella um lampeão, cadeiras, uma rede pendurada n'um angulo e dous aparadores.

### Scena I.

ROSAURA E PEDRINHO *assentados na rêde.*

PEDRINHO

Não, mamãe, não; coitadinha!

ROSAURA

(*Acariciando seo filho que está deitado no seo peito*). Eu sei, meo filho, eu sei o que tu sentes melhor do que tu mesmo; e oxalá que nunca saibas a rasão porque choras a desgraça d'essas duas desgraçadas! Fica tranquillo. Tua mãe tem coração: tua mãe é filha do teo avô.

PEDRINHO

Mas, mamãe, si o homem vier agora, as venderão?

ROSAURA

(*Levantando-se da rêde*). Não as venderão. (*Passa na sala de jantar. Pedrinho a acompanha*).

PEDRINHO

Não as venderão, mamãesinha?

ROSAURA

Não, meu filho.

PEDRINHO

Mas se vovô quizer. . . que poderás tu fazer?

ROSAURA

A quem queres tu mais n'este mundo?

PEDRINHO

Eu te quero, mamãesinha, mais do que a todos.

ROSAURA

*(Dando um beijo na testa de Pedrinho).* Pois bem, meu filho, não as venderão.

PEDRINHO

Mas como farás, mamãe?

ROSAURA

Muito facilmente. As comprarei, e dar-lhes-hei a liberdade.

PEDRINHO

*(Abraçando sua mãe).* O' mamãe! eu sou teu filho, eu te quero com todo o meu coração. Mamãe, tu és muito boa. Mas como as comprarás? *(Rosaaura falla ao ouvido de Pedrinho: este presta muita attenção, e de chofre dá-lhe muitos beijos).*

ROSAURA

Mas você nada diz... *(Entra pela porta da esquerda Maria dos Anjos).*

MARIA DOS ANJOS

Pedro sahio?

ROSAURA

Haverá uma hora que não o vejo.

PEDRINHO

Papáe foi esperar aquelle homem.

MARIA DOS ANJOS

Acredito que o homem não voltará hoje: é já tarde. Onde está Adelina?

ROSAURA

Foi-se deitar.

MARIA DOS ANJOS

E a mulata?

ROSAURA

Deve estar fazendo companhia á Adelina.

MARIA DOS ANJOS

Será a ultima vez. Cachorra! Rodolpho, ó Rodolpho, vem cá, moleque.

PEDRINHO

Rodolpho sahio com papáe.

MARIA DOS ANJOS

O páe José recolheu-se já?

ROSAURA

Não sei, minha mãe, são já oito horas. *(Maria dos Anjos toma assento e olha pelas janellas para os fundos da casa).*

MARIA DOS ANJOS

Contraria-me muito a demora do homem. *(Ha uma pausa).*

ROSAURA

Minha mãe, dizia eu ao Pedrinho que meu páe nunca quiz ter escravos.

MARIA DOS ANJOS

Teu páe era um esquisitão; todo cheio de maluquices.

ROSAURA

E minha mãe chama maluquice não querer ter escravos?

MARIA DOS ANJOS

Essa pretensão no Brazil é uma doidice.

ROSAURA

Pois, minha mãe, toda a minha familia é mineira: meu avô, minha avô, meu páe, minha mãe, acredito que até a quarta geração; e nunca tivemos escravos e tinhamos bons creados.

MARIA DOS ANJOS

Admira. E' verdade que vocês sempre morarão em cidade. Não tinhamo fazendas. E depois teu avô era um liberalão... do tempo dos inconfidentes... d'aquelles sonhadores da liberdade.

PEDRINHO

Papáe não é amigo da liberdade, mamãe?

MARIA DOS ANJOS

Por isso é que estamos como estamos.

ROSAURA

Eu quereria, meu filho, que o fosse ainda mais.

PEDRINHO

Quando eu fôr homem, serei defensor da liberdade; porque detesto a escravidão.

MARIA DOS ANJOS

Deus nos acuda! esta é a educação dos nossos dias!

PEDRINHO

Ouviste, mamãe? Parece que papáe chegou. Vou ver, mamãe.  
(*Vae sair e Rosaura lhe pega na mão*).

ROSAURA

Si fôr seo páe, agora o saberemos: fique aqui, meo filho.

Ahi vêm.

MARIA DOS ANJOS

**Scena II.**

Os MESMOS, PEDRO ALVARES E JOÃO

PEDRO ALVARES

(*Entrando*). Entre, senhor João, entre, já é tarde.

JOÃO

Estes homens não conhecem os seus interesses. (*Comprimentando as senhoras*). Boa noite, minhas senhoras, como passaram?

PEDRO ALVARES

Esteja a seu commodo. Aqui, nesta cadeira.

Desconfiei...

MARIA DOS ANJOS

Bôa noite.

ROSAURA

PEDRINHO

(*Ao ouvido de sua mãe*). Lembre-se, mamãe, do que me prometteo. Que cara feia!

PEDRO ALVARES

Que preparem a ceia. O senhor João deve ter appetite.

JOÃO

E' o que nunca me faltou.

MARIA DOS ANJOS

Minha filha, você não vae lá dentro?

ROSAURA

Já vou, minha mãe.

MARIA DOS ANJOS

O' Pedrinho, porque não vae Vm. se recolher?

PEDRINHO

Papáe, eu quero ficar.

ROSAURA

Pôdes ficar, meo filho.

PEDRO ALVARES

Fica.

JOÃO

E' o mais velho? Bonito rapaz!

MARIA DOS ANJOS

Muito travêso, muito malcreado, muito desobediente.

ROSAURA

Coitado! (*Levantando-se da cadeira*). Rodolpho, Rodolpho!

RODOLPHO

(*Entrando pela porta da direita*). Sinhá, sinhá! (*Vae ao pé de Rosaura que lhe falla ao ouvido por algum tempo*).

PEDRO ALVARES

Então, senhor João, vamos fechar o negocio: partindo a differença, sejam dous contos duzentos e cincoenta mil reis.

JOÃO

Nem um ceutil além dos 2:000\$000, meu senhor, porque as pretas pouco valem actualmente.

MARIA DOS ANJOS

E quanto dá o senhor João pela mulata e sua filha?

JOÃO

(*Olhando para Maria dos Anjos e para Pedro Alvares*). Está decidido? querem vendel-a? (*Pedrinho pega na mão de sua mãe. Rosaura manda embora com um aceno o pagem Rodolpho, que sae recuando para trás e escutando as ultimas palavras de João*).

MARIA DOS ANJOS

E' negocio meo. (*Pedro Alvares levanta-se e fita sua mãe com colera*).

JOÃO

Por aquella rapariga... sem a cria... dou um conto e quinhentos; porque, enfim, é outra fazenda: e com a cria... um conto e oitocentos.

MARIA DOS ANJOS

Negocio fechado.

PEDRINHO

Ah! mamãe!...

ROSAURA

Espera, meo filho. (*Dirigindo-se ao seo marido*). Pedro, (*este fita sua mulher com muita attenção*) Pedro, por esse dinheiro compro eu Agar e Colombia, para dar-lhes a liberdade... (*Olhão-se mutuamente todos os circumstantes e ha um momento de silencio*). Pedrinho, com o braço direito enfiado no esquerdo de sua mãe, olha para seo páe e sua avó com anciedade. Ouvem-se gritos desesperados fóra. Agar com ar espantado entra e cahe aos pés de Pedro Alvares).

AGAR

Meu senhor, ai! meo senhor! roubarão Colombia, roubarão Colombia, roubarão minha filha! Mate-me agora, meo senhor, mate-me. (*Arrasta-se de joelhos, em attitude desesperada, até os pés de Rosaura*).

FIM DO PROLOGO.

PERSONAGENS DO DRAMA :

PEDRO ALVARES, fazendeiro arruinado, entrevado.....	56	anos
PEDRINHO, seu filho; escriptor publico.....	24	"
DR. THEODORO DIAS, advogado e deputado.....	35	"
PAI FLORENTINO, negro mina, quitandeiro.....	60	"
PAI THOMAZ, negro mina, rico.....	58	"
LAURINDO BRAZIL, seo filho, estudante do 4º anno de medicina.....	23	"
MR. HARRIS, commerciante inglez.....	30	"
HERR HANH, alfaiate allemão.....	40	"
UM OFFICIAL BRAZILEIRO.		
SOLDADOS de infantaria brazileiros, e Voluntarios da Patria.		
UM MOLEQUE.....	17	"
BEMVINDA, a pupilla dos negros nagós.....	18	"
ROSAURA, mulher de Pedro Alvares.....	48	"
ADELINA, sua filha.....	18	"
AGAR, mulata forra.....	35	"
TIA ROSA, negra mina, mulher do páe Thomaz.....	42	"
SOROR ANGELICA, irmã da Caridade.....	40	"

A scena passa-se na cidade do Rio de Janeiro no anno de 1836.

# ACTO I.

## VIRAVOLTAS D'ESTE MUNDO.

### QUADRO I.

Sala pobre n'uma casa de porta e janella: Pedro Alvares assentado n'uma cadeira de braços perto da janella: no meio da sala uma mesinha redonda, ao redor d'ella Rosaura e Adelina cosendo e confeitando às pressas um vestido branco: mobilia pobre. E' de dia.

#### Scena I.

PEDRO ALVARES, ROSAURA E ADELINA

PEDRO ALVARES

*(Olhando para sua mulher e filha).* Vocês... tra... balhão... de... mais.

ROSAURA

Tu trabalhaste por nós até adoecer: nosso dever é trabalhar. O trabalho honesto, Pedro, nobilita a gente. E' uma maldição que foi uma felicidade que não uma desgraça. O meo pezar é ver definhar a saúde da nossa filha; mas não faz mal, Adelina, teu mano é trabalhador, tem talento, e um bonito futuro. Roma não se fez n'um dia.

ADELINA

Mamãe, faço isto a posponto?

ROSAURA

Não, minha filha, faze alinhavinho.

PEDRO ALVARES

Pe...drinho... está tar... dando ho... hoje ma... mais do que... *(engasga-se. Rosaura levanta-se e lhe dá um gole de agua n'um moringue).*

ROSAURA

Vamos... passou... Dizias que o nosso filho tarda hoje mais do que o de costume.

# ACTO I.

## VIRAVOLTAS D'ESTE MUNDO.

### QUADRO I.

Sala pobre n'uma casa de porta e janella: Pedro Alvares assentado n'uma cadeira de braços perto da janella: no meio da sala uma mesinha redonda, ao redor d'ella Rosaura e Adelina cosendo e cafeitando ás pressas um vestido branco: mobilia pobre. E' de dia.

#### Scena I.

PEDRO ALVARES, ROSAURA E ADELINA

PEDRO ALVARES

*(Olhando para sua mulher e filha).* Vocês... tra... banho... de... mais.

ROSAURA

Tu trabalhaste por nós até adoecer: nosso dever é trabalhar. O trabalho honesto, Pedro, nobilita a gente. E' uma maldição que foi uma felicidade que não uma desgraça. O meo pezar é ver definhar a saúde da nossa filha; mas não faz mal, Adelina, teu mano é trabalhador, tem talento, e um bonito futuro. Roma não se fez n'um dia.

ADELINA

Mamãe, faço isto a posponto?

ROSAURA

Não, minha filha, faze alinhavinho.

PEDRO ALVARES

Pe...drinho... está tar... dando ho... hoje ma... mais do que... *(engasga-se. Rosaura levanta-se e lhe dá um gole de agua n'um moringue).*

ROSAURA

Vamos... passou... Dizias que o nosso filho tarda hoje mais do que o de costume.

PEDRO ALVARES

E' verda...de. O mo...ço inglez o... diverte dos seus... de...veres.

ROSAURA

(Assentando-se de novo e pegando na costura). Teo pãe (dirigindo-se a Adelina) embirrou com o inglez.

ADELINA

Eu não gosto dos inglezes. Que hora será, mamãe? Não pôde tardar o moleque.

ROSAURA

Ainda é cedo. Dizias que não gostas dos inglezes : porque ?

ADELINA

Porque os inglezes, mamãe, gostão dos pretos.

PEDRO ALVARES

Que... diz A...delina ?

ROSAURA

Tolices, Pedro : diz que não gosta dos inglezes ; porque elles gostão dos pretos.

PEDRO ALVARES

Ha!... ha!... ha!... Só tu me... fa...rias rir... Essa é bôa.

ROSAURA

Olha, minha filha, os pretos educados são tão dignos de consideração como os brancos ; e nós estamos trabalhando para elles.

ADELINA

E' verdade. Este vestido é para uma preta mina.

ROSAURA

Que váe fazer a sua primeira communhão. (Continúa na costura em silencio).

ADELINA

Eu tenho 18 annos e ainda não a fiz.

ROSAURA

Ha pouco tempo que estamos na Côte : na roça, minha filha, di ffilicil até ser bom christão : ha tantas difficuldâdes para tudo.

PEDRO ALVARES

(Olhando com ar apatetado para sua filha). Quando te...

casares... te confessarás:... eu nunca me... confessei,... nem faço... tenção... de... confes... sar-me...

ROSAURA

Cala, Pedro. (Aparte). Quasi todos os homens pensão assim. (Alto). Minha filha, sem educação e religião não se pôde ser feliz. Tua mãe é religiosa sem hypocrisia. Segue o exemplo de tua mãe.

PEDRO ALVARES

Eu só... acre...dito no... dinheiro:... se... tiveres... di... nheiro... serás... religio...sa, boa... bo...nita... e terás... mil pre...tenden...tes : sem... di...nheiro na...da... serás...

ROSAURA

Pelo amor de Deus, Pedro, respeita a innocencia de tua filha ! O dinheiro não faz a felicidade de ninguém.

PEDRO ALVARES

Faz, faz... dia...bo ! se... faz... Se... tivesse...mos... di...nheiro... tra...balharieis... para... morrer... de fo...me?

ROSAURA

Bom, bom, deixemos esta conversa. Trabalhemos e teremos o dinheiro necessario para as nossas necessidades.

ADELINA

Alguem está na porta, mamãe. (Olhando para a porta da rua).

## Scena II.

OS MESMOS E PEDRINHO.

PEDRINHO

(Entrando). Que calor ! (beija a mão de sua mãe e de seu pãe ; deixa o chapéo sobre uma cadeira ; toma assento perto de Adelina e limpa com o lenço o suor).

PEDRO ALVARES

On...de es...ti...veste... té a...gora ?

PEDRINHO

Vou lhes dar uma noticia que vaee assombral-os.

PEDRO ALVARES

Tra...ta...-se de... dinhei...ro ? (Rosaura susta a costura, olha para seu filho e faz um aceno com a cabeça que denota compaixão).



PEDRINHO

Oução: . . . meo pãe vae ficar admirado. Nunca devemos fallar mal de ninguem. (*Dirige-se á sua mãe.*) Ia eu hoje pela rua da Ajuda, quando uma senhora, bem trajada, sabio do becco do Proposito: estavamos de cara a cara: eu bradei—Agar! Ella olhou para mim.

ADELINA

(*Com precipitação*). Era Agar?

PEDRO ALVARES

Dei... xa... fallar... (*Rosaura fita seu marido e filhos com curiosidade.*)

PEDRINHO

Olhou para mim, e disse-me:— Quem é o senhor?—Você não me conhece? não te lembras de mim? Eu sou Pedrinho!—Oh! meu nhonhô—exclamou ella com as lagrimas nos olhos; deu-me um abraço muito apertado, e choramos os dous... Que prazer senti, minha mãe?

ROSAURA

Onde mora?

ADELINA

Porque não veio contigo?

PEDRO ALVARES

Somos pobres... nem se lembra... mais dos seus... senhores.

PEDRINHO

Oh!, meu pãe, não fallê assim! Deve vir esta noite. Chorou, perguntou-me por todos da casa, voitou a chorar, e quando lhe contei a nossa desgraça, empallideceo. Como reunia-se povo ao redor, disse-me onde morava, que era casada e com as lagrimas nos olhos perguntou-me onde estava a familia. Ella vem esta noite.

ADELINA

E não te fallou de Colombia?

PEDRINHO

Nunca mais soube d'ella.

ROSAURA

Perguntou por mim? (*com anciedade.*)

PEDRINHO

Muito particularmente e disse-me com profunda tristeza—Oh! não ter eu sabido antes que aquelle anjo de bondade estava no Rio! (*Rosaura limpa uma lagrima.*)

PEDRO ALVARES

Es... tá... muito mu... mudada?...

PEDRINHO

Quasi o mesmo que quando minha mãe a forrou; mas muito bem trajada, parece uma senhora: e como é quasi branca ninguem dirá que foi escrava.

PEDRO ALVARES

Ella... é vistosa... e você me enten... de. Mula... ta... for... ra... n'és... te... Rio...

ROSAURA

Pedro, quando deixarás o habito de fallar mal de todos?

PEDRINHO

(*Com desgosto*). Papãe, Agar chorou de modo que... não merece essas observações. Eu lhe dei um abraço, como se fosse uma pessoa da familia. Lhe contei tudo, tudo: que minha mãe e Adeline trabalhavão para comer, que meu pãe estava doente, e eu empregado na redacção de uma folha; mas, minha mãe, quando me disse— só achando Colombia, poderia eu sentir o prazer que experimento agora— senti-me mal. Abraçou-me, beijou-me, e disse-me com as lagrimas nos olhos:—até já, nhonhô. (*Batem á porta.*)

PEDRINHO

(*Indo abrir*). Entre.

### Scena III.

OS MESMOS E HERR HANH

HERR HANH

(*Com o chapéo na mão*). Mora aqui o Sr. Pedro Alvares?

PEDRINHO

Seu criado. Tenha a bondade de entrar. (*Hanh entra com acanhamento.*)

ROSAURA

Esteja a seu commodo. (*Adelina olha para o estrangeiro com curiosidade.*)

HANH

Eu sou a marida da Sra. D. Agar (*sensação em todos os Alvares*) e venha em seu nome pedir licença para fazer a minha mulher visita esta noite comiga, para eu agradecer a segunda mãe de Agar a bondade com que crearão ella. Eu muita agradecida.

PEDRINHO

Meu pãe, este senhor é o marido da nossa Agar e vem annunciar-nos que ella virá esta noite. *(Pedro Alvares faz um aceno ceremonioso com a cabeça e fica em silencio).*

HANH

Agar chegar n'este momenta, diz a mim, familia está no Ria, vae fazer visita, esta noite iremos ver a sinhã e a sinhasinha : eu vir pedir licença : estar muito contenta ; minha mulher chorar de prazer, eu conçolar ella, e dizer— agora não estar trista mais. Vm. ficar satisfeita de ver a sinhasinha e a sinhã. Eu embarcar n'uma tilbury e vir.

ROSAURA

Tenho muito prazer ; porque Agar é como da familia.

PEDRINHO

Eu estava contando n'este momento o encontro...

PEDRO ALVARES

Cria... da casa... que forrou... minha... mulher... *(Rosaura imuta-se : Adelina baixa os olhos : Pedrinho levanta-se da cadeira).*

HANH

Sei, Agar disse-me tudo antes de nos casar, e como estar prohibida de voltar á casa pela senhora velha, ella manda-me pedir licença para vir visitar os senhores.

ROSAURA

O senhor deve perdoar...

HANH

Não ha de que... Agar é muito bom raparigo, e querer muito a senhora.

ADELINA

*(Com timidez).* Porque não veio com o senhor ?

HANH

Virá comigo esta noite.

ROSAURA

Muito desejo vel-a.

HANH

Ella chorar de prazer.

ROSAURA

Morão perto ?

HANH

Muita perta. Eu cumprir o desejo de minha mulher, e offerecer meus serviços e pedir licença para me retirar ; porque muita trabalha, hoje ser sabbado.

ROSAURA

Faça o favor de dizer a Agar que a espero esta noite. O senhor tem esta casa ao seu dispôr.

HANH

Muita obrigada.

PEDRINHO

*(Acompanhando-o até a porta).* Mamãe já lhe disse que esta casa é sua.

HANH

*(Comprimentando a todos).* Muito obrigada, senhor, muito obrigada. Té logo. *(Pedrinho fecha a porta).*

#### Scena IV.

OS MESMOS MENOS HANH

PEDRO ALVARES

Os... estrangeiros... sã...o o... diabo:... ca...sar... com... uma escrava... e cha...mal...a... a Sra... D. A...gar! Isto é... o... diabo. Por isso... é que... os negros... es... tão tão atrevi... dos.

ADELINA

Vamos acabar depressa, mamãe, para estarmos livres, quando Agar chegar. E papãe fallava tão mal d'ella !...

ROSAURA

Já falta pouco : dentro de meia hora estará prompto. *(Virando-se para seu filho).* Pedrinho em que estás pensando ? *(Este fica ainda pensativo).* Em que pensas, meu filho ?

PEDRINHO

*(Como acordando de um somno).* Pensava no que é o mundo, e no que acabo de ouvir da boca de meu pãe. Acha raro que se casem com gente de cõr e attribue a insolencia dos servos á influencia que exerce este procedimento legal sobre as acanhadas intelligencias d'essa raça desgraçada ; mais raro, mais repugnante, mais indigno da civilisação christã acho eu o que fazemos nós : temos filhos das nossas escravas e ficão escravos. Elevar essa raça até a altura da igualdade christã, é sublime ; rebaixar a nossa até a escravidão, é infame.

PEDRO ALVARES

*(Tremendo de colera)*. Levem-me... pa... ra... a... sa... la de... jan... tar... Estar... eu... alei... ja... do! *(Rosaura olha para o seu filho, e entre os dous empurrão a cadeira para o interior da casa, pelo lado direito do theatro)*

ADELINA

*(Só)*. Oh! se Agar fosse rica! estou certa que não me deixaria trabalhar como mamãe me faz trabalhar! *(Continúa a coser. Entra Rosaura e Pedrinho: este abraçando sua mãe)*.

PEDRINHO

Perdão, minha mãe, perdão, eu não tive a minima intenção de faltar ao respeito devido a meu pãe.

ROSAURA

Teu pãe pensa de diverso modo que nós: nunca falles dos escravos, pelo amor de tua mãe. Sei que és bom filho; mas te esqueces que elle não pensa como nós.

ADELINA

*(Estendendo o vestido na cadeira)*. Mamãe, acabei.

ROSAURA

*(Sentando-se)*. Bom, minha filha, muito bem; estes enfeites... em dez minutos estão promptos. Graças a Deus! trabalhamos com vontade.

ADELINA

*(Indo perto de Pedrinho)*. Mano, Agar perguntou por mim? Oh! Si Agar fosse rica!

PEDRINHO

Foste a sua primeira lembrança depois de mamãe: ella vem esta noite, e tu verás que o tempo não arrefeceu n'ella a amizade. Homem, a educação é uma grande cousa!

ROSAURA

E' verdade, meu filho. Dizia o teu avô— dáe-me um povo educado, e eu faço dos negros rudes brancos muito atilados. Sem educação, os brancos são mais estupidos do que os mesmos negros boçães. Minha filha, váe acompanhar o teu pãe e ao mesmo tempo te penteias e aceias um pouco.

ADELINA

Lá vou, mamãe. Agar vem esta noite e eu queria vestir-me mais tarde.

PEDRO ALVARES

*(Gritando da sala de jantar)*. A...de...li...na!

ROSAURA

Vae depressa, minha filha. *(Adelina sahe)*.

## Scena V.

ROSAURA E PEDRINHO.

ROSAURA

*(Largando a costura)*. Desejava, meu filho, conversar em segredo contigo. A pobreza é medonha: mas a miseria é horrivel. *(Pedrinho toma assento perto de sua mãe com ar triste)*. Na casa não temos um ceitil. Trabalhei duas noites sem dormir para ver se acabava este vestido. Não sei quando me mandarão o dinheiro. Teo pãe e tua irmã tem horror da pobreza. Eu quero morrer antes que dizer-lhes—não ha pão.

PEDRINHO

*(Com abatimento)*. Ah! minha mãe! eu trabalho com tanto afincó; mas sou muito caipóra. Hoje não tenho um vintem.

O mendigo é feliz: acha na esmola allivio e até folgança para as suas necessidades; mas nós, que não podemos mendigar, somos muito desgraçados! Oh! Se os homens que alardêão de philantropos estudassem as privações da nossa classe social, ficarião espantados de tamanhos soffrimentos. Mas tudo isto, minha mãe, é capir com threnos de Jeremias. A Sociedade é, foi e será sempre assim até que a civilisação seja universal. Vamos excogitar um meio. Vendêmos quanto tínhamos: eu pedi um mez do ordenado adiantado; estamos a vinte do mez: que fazer? Ah! *(levando o dedo indice da mão esquerda á testa)* já sei. Vou... pedir emprestado á...

ROSAURA

*(Interrompendo-o)*. Nunca peças emprestado, meo filho, um ceitil a ninguém; olha que perdes o amigo e o que é ainda mais a tua reputação. Roubar, jogar, fazer testamentos falsos, quebrar fraudulentamente, vender a honra da mulher, da irmã e da filha, não é tão máo si se fizer com geito, dizem os homens do nosso tempo; mas pedir emprestado inda que para devolver o pedido, é um crime de lesa-sociedade actual.

PEDRINHO

Eu sei, minha mãe, eu sei; mas que fazermos na nossa posição?

ROSAURA

*(Com as lagrimas nos olhos)*. Tu e eu poderíamos morrer á minhã, temos valor para isso; mas teo pãe e tua irmã!... Deus prova os seos; mas não os abandona. Olha: eu conservo ainda um anel de tua avó, que guardava para tua irmã: aqui o tens: *(tira-o do seio embrulhado n'um papel)* leva-o ao prégo até podermos resgatal-o.

PEDRINHO

Minha mãe, eu não vou a essas espeluncas de usurarios.

ROSAURA

Vende-o: a fome não tem lei, meo filho.

PEDRINHO

(Pensando). Si fosse possível esperar até amanhã...

PEDRO ALVARES

(Na sala de jantar). Os... meus... feijões... Diabo! os... meus... feijões...

ROSAURA

(Acenando com o dedo para a sala de jantar). Não é possível, Pedrinho, não é possível esperar.

PEDRO ALVARES

(Na sala de jantar). O' dia... bo!... te... nho... fome!...

ADELINA

(Espreitando pela porta do corredor). Mamãe, papáe quer jantar.

ROSAURA

Espera, minha filha, eu lá vou. (Adelina sahe). Meo filho, é forçoso fazermos este sacrificio. Vende-o hoje mesmo.

PEDRINHO

Já é tarde: é melhor esperarmos até amanhã.

ROSAURA

Mas que comerêmos?

PEDRINHO

Hei de ver, minha mãe, não se afflija; tenha paciencia. (Batem à porta). Quem será? (Vae abrir).

### Scena VI.

OS MESMOS E O DR. THEODORO DIAS.

DR. THEODORO

(Entrando). Venho... (Olhando para Rosaura que recolhe a costura). Minha Snra. tenho a honra de cumprimentar V. Ex.

PEDRINHO

Minha mãe, (dirigindo-se para ella) o Dr. Theodoro Dias, meo

amigo, membro proeminente do parlamento, e uma das notabilidades politicas do partido conservador.

ROSAURA

Tenha a bondade de tomar assento. (Adelina espia pela porta do corredor e faz acenos a sua mãe). O Snr. Dr. desculpará; mas já sabe o que é uma mãe de familia n'uma casa brasileira.

DR. THEODORO

Minha senhora... (fazendo um cumprimento. Rosaura sahe levando a costura).

PEDRINHO

(Assentando-se perto do Dr. Theodoro). Que novidade ha, que vos tráz por esta choupana?

DR. THEODORO

Homem, venho da camara e quero te fallar. Já sabes as minhas opiniões politicas.

PEDRINHO

Sei...

DR. THEODORO

Militamos em partidos oppostos; prézo, porém, muito o teo lento e venho te pedir um favor.

PEDRINHO

Você manda, não pede.

DR. THEODORO

Um correigionario teo, liberal pelos quatro costados, vae encetar na imprensa, segundo disse nas salas do parlamento, uma série de artigos sobre a emancipação do elemento servil, preparando d'este modo o animo dos legisladores para tão melindrosa quanto humanitaria questão. Desejo que falles na tua folha sobre esta materia, dizendo que, embora seja já tempo de pensarmos n'isso, é mister irmos com cautela na enunciação d'essa grande transformação social. Eu não quero a escravidão para o nosso Brazil; mas será azada a occasião para tratarmos n'estes momentos da inteira liberdade do elemento servil?

PEDRINHO

A minha opinião é que tanto nós, na imprensa, como vós no parlamento, bem como os multiplos ministerios, que precederão e succederão-se á maioridade, nada fizemos para prepararmos esses desgraçados a fruirem da liberdade. Nós somos agora tão coloniaes a este respeito como eramos no tempo do governo d'El-Rei nosso senhor. Religião e educação, eis ali os dous pólos em que deve girar a liberdade dos brancos e dos pretos, e principalmente d'estes ultimos.

DR. THEODORO

Apoiado.

PEDRINHO

E que fizemos? Nada, menos de que nada, meo amigo. A imprensa occupa-se de parvoíces, tolera, quando não os lança, doestos, individualidades, até infâmias: no parlamento, espraia-se em theorias, engolphão-se em discussões politicas e especulativas, quando não em individualidades; os nossos parlamentares, feitas honrosas excepções, fallão como machinas de vapor da força de 1,000 cavallos; todavia ficão sempre no mesmo mar procelloso das individualidades e das theorias, e nunca abicão as praias da realidade, á pratica governamental.

DR. THEODORO

Tudo isso é verdade; é preciso, porém, começarmos: a geração actual ha de caminhar: entramos na puberdade, como nação, e a puberdade é o principio da reproducção physica e moral.

PEDRINHO

Tens razão: estamos na puberdade nacional, e por isso sentimos já o desejo de produzirmos alguma cousa, que seja a imaginação. Prometto-te fallar sobre a materia na folha; mas eu sou partidario da liberdade e, por conseguinte, inimigo da escravidão. Vou te mostrar que, embora idolatra da liberdade, não sou exagerado.

DR. THEODORO

Gosto d'esse teu caracter franco e independente.

ROSAURA

(Entrando). O Sr. Dr. perdõe. (dirigindo-se a Pedrinho). Meo filho, lembrete que o teu pãe precisa d'aquelle remedio hoje mesmo.

PEDRINHO

Vou sahír, minha mãe.

DR. THEODORO

Sinto ter sido talvez a causa involuntaria do soffrimento do Sr. Alvares.

ROSAURA

Não senhor, não carece por enquanto do remedio; mas Pedrinho poderia se esquecer, e...

PEDRINHO

Minha mãe, o Dr. não é de ceremonias: é um bom amigo. (Rosaaura vem para o lugar onde estão os dous. Theodoro e Pedrinho levantão-se e pegão nos chapéos).

ADELINA

(Assomando a cabeça pela porta do corredor). Mamãe...

ROSAURA

Vem cá, minha filha. (Dirigindo-se ao Dr. Theodoro). Minha filha, Sr. Dr. (Adelina ruborisada aperta a mão do Dr. que vacilla ao seu encontro).

PEDRINHO

Então vamos, e no caminho fallaremos.

DR. THEODORO

Vamos (despedindo-se). V. Exs. queirão reconhecer em mim um seo humilde creado e um amigo sincero de Pedro.

ROSAURA

Muito obrigada: o Sr. Dr. sabe que esta casa é sua: os amigos de meo filho são já meos amigos. (Adelina fita o Dr. Theodoro e baixa os olhos). Te esperamos para jantar? (dirigindo-se a seo filho).

PEDRINHO

Podem jantar, minha mãe, eu jantarei no hotel. (Pedrinho e Theodoro sahem).

## Scena VII.

ROSAURA E ADELINA

ROSAURA

Teo mano é uma perola! Coitado do meo filho! (Secca uma lagrima, Adelina olha para sua mãe com tristeza). Vamos, minha filha, vamos. Este mundo é terrível para as pessoas honestas.

ADELINA

Mamãe sempre está triste. Oh! si Agar fosse rica!...

ROSAURA

Afflige-me muito ouvir-te repetir estas palavras. E se Agar fosse rica, minha filha, que ganháreis com isso?

ADELINA

(Indecisa). Não appareceria outra vez como appareci agora com estes mulambos.

ROSAURA

A pobreza, minha filha, aformosêa a virtude. Trabalhemos e verás como melhora a nossa sorte. Pensa como teu mano: não queiras luxo. (Pausa). Vamos pregar os colchetes do vestido.

PEDRO ALVARES

(*Na sala de jantar*). Dia...ho! que... fazem... vocês ahí?...

ROSAURA

Vamos, minha filha: teu pãe está hoje muito impaciente. Coitado! (*sahem*).

## QUADRO II.

Sala modestamente mobiliada. Sobre uma meza, no lado direito, ha um oratorio adornado com flôres, ramalhetes e castiçacs, no sofá estão sentados um velho e sua mulher (pretos) conversando.

### Scena I.

PAE THOMAZ E TIA ROSA.

PAE THOMAZ

Vm. não deve esperar a afilhada até seis horas da tarde: o Dr. ainda não appareceo e isto é claro; mais claro agua Ah! Ah! Ah! Ah! Pãe Florentino m'ô disse e mesmo elle não apparecêo: e então?

TIA ROSA

A irmã da Caridade disse-me ante-hontem que a menina devia vir para casa hoje muito cêdo.

PAE THOMAZ

Pois sim: ella não vem até seis horas. Vm. ha de ver. O Dr. não teria sahido depois da janta, si elle soubesse que a menina devia vir cêdo. Pois não! ha! ha! ha!

TIA ROSA

Vm. faz muito mal, meo Thomaz, fallando assim na presença do nosso filho. Olhe que elle já me disse o outro dia que só esperava formar-se no anno que vem para dizer a Vm. que quer casar com a afilhada.

PAE THOMAZ

Ha!Ha! Ha! Eu cherei o namoro ha muito tempo, Rosa. Bom! Teremos os nossos netinhos, que será um pagode na velhice. Eu cá sei. Pois não!

TIA ROSA

Mas a afilhada parece que não sabe do amor do nosso filho. O quer como mano.

PAE THOMAZ

Ora, ora! Vms. as mulheres sempre são as mesmas. Fazem carêtas até aos melhores petiscos, até que afinal baixão os olhos, e entre um sorriso e uma lagriminha dizem... como dizem, Rosa? Ha! ha! ha! Valha-me S. Benedicto! Estou satisfeito, estou contente, Rosa.

TIA ROSA

Elles querem-se muito: que duvida! mas especulando tenho visto que a afilhada trata nosso filho como mano; mas não como namorado. O pãe Florentino, que é o mais interessado pela afilhada, entende as cousas como eu.

PAE THOMAZ

Pois eu as entendo como as entendo: eu cá sei. A nossa pupilla é muito bôa menina, e... sabe muito bem que *quem dos seus se aleixa, a Deos leixa*. Nós e o Florentino somos os seus pães, ha dez annos: ella nos quer como filha, está dotada por nós, tudo o que temos é d'ella e do Dr. Que diacho! a Bemvinda é nossa filha.

UM MOLEQUE

(*Entrando*). Siô, ahí está um moço que quer fallar com Vm.

PAE THOMAZ

(*Arranjando as calças*). Que classe de homem é?

MOLEQUE

Um moço branco, Siô.

PAE THOMAZ

Dize que entre.

### Scena II.

OS MESMOS E PEDRINHO.

PEDRINHO

(*Entrando*). Peço licença. O Sr. é o Sr. Thomaz Brazil?

PAE THOMAZ

Seo creado. V. S. pôde sentar-se.

PEDRINHO

(*Com acanhamento*). Venho ver, si o Sr. — porque uma pessoa

da sua amisade ensinou-me a casa— venho ver, si quer comprar este annel. (*Tira a joia e apresenta-a ao Páe Thomaz. Este fita o moço e sua mulher alternativamente, pega no annel e o examina, olhando sempre para Pedrinho que está envergonhado e abatido. Depois de examinar a pedra, passa o annel á sua mulher e sem deixar de olhar para Pedrinho, diz:*

PAE THOMAZ

Olhe, Rosa, veja Vm. se quer ficar com elle. (*Dirigindo-se á Pedrinho*). E quanto pede o Sr. por este objecto?

PEDRINHO

E' uma joia de familia que n'aquelles tempos custou muito dinheiro; mas eu a vendo por 300\$000 rs.

TIA ROSA

(*Devolvendo o annel*). E' bonito... se Vm. quizer compral-o...

PAE THOMAZ.

(*Olhando de novo para o moço e examinando a pedra*). 300\$000.. pois... V. S. tem muita pressa? Porque se puder esperar uma meia hora....

PEDRINHO

Sr. Brazil, meo páe está muito doente e careço d'uma resposta positiva agora mesmo. Desculpe; mas é negocio urgente.

PAE THOMAZ

Meo filho não póde tardar. (*Pausa*). Eu compro o annel; mas desejaria que estivesse em casa o Dr.

PEDRINHO

Se a demora fôr só de meia hora... (*Ouve-se ruido de tilbury que pára na porta: tia Rosa vae espiar pela janella e volta dizendo:*

TIA ROSA

Ahi está Laurindo. (*Dirige-se para a porta*).

**Scena III.**

OS MESMOS, LAURINDO com um embrulho na mão e um moleque com dous cartões.

LAURINDO

(*Entrando*). O' rapaz, traz cá, bota ahi sobre essa cadeira. (*beija a mão de seo páe e de sua mãe*). Bemvinda não chegou ainda?

TIA ROSA

Olha, meu filho, olha... (*acenando para Pedrinho*).

LAURINDO.

(*Voltando-se para elle*). Desculpe... oh! Sr. Alvares, V. S. por esta casa?

PAE THOMAZ

Davão-se?

PEDRINHO

Sr. ...

LAURINDO

O Sr. Alvares talvez não me conheça, mas quem não conhece no Rio o redactor politico do *Liberal*, o defensor da igualdade dos homens?

PEDRINHO

O Dr. me confunde.

PAE THOMAZ

Estava á tua espera, meo filho, para fechar um negocio.... O' rapaz, vai-te embora. (*O moleque sahe. Dirigindo-se a Laurindo*). Olha para este annel.

TIA ROSA

Sentem-se (*ella e páe Thomaz sentão-se.*)

LAURINDO

(*Examinando em pé a pedra*). Magnifico brilhante! puro! deve valer muito dinheiro!

PAE THOMAZ

Sente-se, Sr. Alvares. (*Dirigindo-se a seu filho que continúa a estar em pé*). O Sr. m'o vende por 300\$000.

LAURINDO

Acho que vale mais.

TIA ROSA

E' negocio fechado.

PEDRINHO

Vendo-o por 300\$000... (*Opáe Thomaz vae á mesa onde está o oratorio, tira um masso de bilhetes, conta os 300\$000, volt a para o lugar onde acha-se Pedrinho, e lhe entrega os bilhetes, dizendo:*

PAE THOMAZ

Aqui estão os 300\$000; faça o favor de contal-os

PEDRINHO.

Já estão contados.

PAE THOMAZ

Faça o favor de contal-os.

PEDRINHO

*(Conta-os e diz:)* E' isto; *(pausa)* mas o senhor terá a bondade de, . . . custa-me muito o que vou dizer.

LAURINDO

Diga, Sr. Alvares, olhe que sou muito seu amigo.

PEDRINHO

Esse anel é de minha mãe: se o seu filho pudesse compral-o de novo, o Sr. voltaria á m'ó vender?

PAE THOMAZ

*(Indeciso).* Homem . . . eu queria mimosear . . .

LAURINDO

*(Com effusão).* Meo pãe desculpe; mas o Sr. Alvares poderá rehavér o anel quando quizer.

PEDRINHO

*(Commoído).* Muito obrigado, beijo-lhe as mãos.

PAE THOMAZ

O que o Dr. disse é o mesmo que eu digo.

LAURINDO

*(Estendendo a mão á Pedrinho)* Sr. Alvares esta casa é sua, póde contar com a nossa amizade. O homem que apregoa e defende a fraternidade e igualdade do genero humano, dando só a preferencia á virtude, ao talento, á educação e ao trabalho, acha e merece achar em todas as partes sympáthias e amigos.

PEDRINHO

Muito obrigado, Dr., muito obrigado. Acredite que tem em mim um amigo verdadeiro e muito agradecido. *(Tia Rosa vae para a janella, espia, e virá-se para os tres, dizendo:)*

TIA ROSA

Lá vem Bemvinda com a irmã soror Angelica.

PAE THOMAZ

*(A Laurindo).* Vae receber a sinhá. *(Dirigindo-se a Pedrinho).* E' a nossa pupilla, a filha adoptiva dos negros nagôs.

TIA ROSA

Ahi está a nossa afilhada. *(Vae para o corredor que figura estar na esquerda do scenario).*

PEDRINHO

O Sr. Brazil ha de desculpar; mas meo pãe carece d'um remedio . . .

PAE THOMAZ

V. S. espere; o Dr. ahi vem. O Sr. é um bom filho; eu gosto de ver esses cuidados pelo pãe. O Dr. tambem é muito extremo. Espere . . . ahi vem.

#### Scena IV.

OS MESMOS, BEMVINDA, TIA ROSA, LAURINDO E SOROR ANGELICA.

BEMVINDA

*(Entrando).* Eu queria vir mais cedo; mas . . . *(fitando Pedrinho)* mas não foi possível, minha mãe.

LAURINDO

*(Esperando que Bemvinda beije a mão de Pãe Thomaz).* O Sr. Alvares desculpe.

PAE THOMAZ

Agora dà-me um abraço. Você está muito bonita, minha filha. *(Pedrinho fica pensativo olhando para Bemvinda: Tia Rosa falla á Soror Angelica).* E a irmã como passou?

SOROR ANGELICA

Bien, senhor, obrigad . . .

LAURINDO

*(Dirigindo-se a Pedrinho).* Sr. Alvares, a afilhada de meos pães. *(Bemvinda empallidece, Pedrinho faz um cumprimento acanhadamente.)*

PEDRINHO

Peço licença . . . mas . . .

PAE THOMAZ

Pois não, meo Senhor. O Dr. lhe offereceo a nossa choupana e o dito dito. *(Pãe Thomaz levanta-se da cadeira).*

PEDRINHO

*(Dando a mão a Pãe Thomaz e comprimentando os mais).* Muito obrigado. Eu pouco valho; mas o meu prestimo está ás suas ordens. *(Laurindo pegando na mão de Pedrinho sahe para acompanhal-o. Sahem os dous).*

BEMVINDA

*(Dirigindo-se perturbada para Soror Angelica).* Asseyez-vous, ma seur.



PAE THOMAZ

Faça o favor de contar-os.

PEDRINHO

*Conta-os e diz:*) E' isto; *(pausa)* mas o senhor terá a bondade de, . . . custa-me muito o que vou dizer.

LAURINDO

Diga, Sr. Alvares, olhe que sou muito seu amigo.

PEDRINHO

Esse anel é de minha mãe: se o seu filho podesse compral-o de novo, o Sr. voltaria á m'ô vender?

PAE THOMAZ

*(Indeciso).* Homem . . . eu queria mimosear . . .

LAURINDO

*(Com effusão).* Meo pãe desculpe; mas o Sr. Alvares poderá rehavêr o anel quando quizer.

PEDRINHO

*(Commovido).* Muito obrigado, beijo-lhe as mãos.

PAE THOMAZ

O que o Dr. disse é o mesmo que eu digo.

LAURINDO

*(Estendendo a mão á Pedrinho)* Sr. Alvares esta casa é sua, pôde contar com a nossa amizade. O homem que apregoa e defende a fraternidade e igualdade do genero humano, dando só a preferencia á virtude, ao talento, á educação e ao trabalho, acha e merece achar em todas as partes sympathias e amigos.

PEDRINHO

Muito obrigado, Dr., muito obrigado. Acredite que tem em mim um amigo verdadeiro e muito agradecido. *(Tia Rosa vai para a janella, espia, e vira-se para os tres, dizendo):*

TIA ROSA

Lá vem Bemvinda com a irmã soror Angelica.

PAE THOMAZ

*(A Laurindo).* Vae receber a sinhá. *(Dirigindo-se a Pedrinho).* E' a nossa pupilla, a filha adoptiva dos negros nagôs.

TIA ROSA

Ahi está a nossa afilhada. *(Vae para o corredor que figura estar na esquerda do scenario).*

PEDRINHO

O Sr. Brazil ha de desculpar; mas meo pãe carece d'um remedio . . .

PAE THOMAZ

V. S. espere; o Dr. ahi vem. O Sr. é um bom filho; eu gosto de ver esses cuidados pelo pãe. O Dr. tambem é muito extremo. Espere . . . ahi vem.

#### Scena IV.

OS MESMOS, BEMVINDA, TIA ROSA, LAURINDO E SOROR ANGELICA.

BEMVINDA

*(Entrando).* Eu queria vir mais cedo; mas . . . *(fitando Pedrinho)* mas não foi possível, minha mãe.

LAURINDO

*(Esperando que Bemvinda beije a mão de Pãe Thomaz).* O Sr. Alvares desculpe.

PAE THOMAZ

Agora dà-me um abraço. Você está muito bonita, minha filha. *(Pedrinho fica pensativo olhando para Bemvinda: Tia Rosa falla á Soror Angelica).* E a irmã como passou?

SOROR ANGELICA

Bien, senhor, obrigad . . .

LAURINDO

*(Dirigindo-se a Pedrinho).* Sr. Alvares, a afilhada de meos pães. *(Bemvinda empallidece, Pedrinho faz um cumprimento acanhadamente.)*

PEDRINHO

Peço licença . . . mas . . .

PAE THOMAZ

Pois não, meo Senhor. O Dr. lhe offerêceo a nossa choupana e o dito dito. *(Pãe Thomaz levanta-se da cadeira).*

PEDRINHO

*(Dando a mão a Pãe Thomaz e comprimentando os mais).* Muito obrigado. Eu pouco valho; mas o meu prestimo está ás suas ordens. *(Laurindo pegando na mão de Pedrinho sahe para acompanhal-o. Sahem os dous).*

BEMVINDA

*(Dirigindo-se perturbada para Soror Angelica).* Asseyez-vous, ma sceur.

PAE THOMAZ

Faça o favor de contal-os.

PEDRINHO

*Conta-os e diz:*) E' isto; *(pausa)* mas o senhor terá a bondade de, . . . custa-me muito o que vou dizer.

LAURINDO

Diga, Sr. Alvares, olhe que sou muito seu amigo.

PEDRINHO

Esse anel é de minha mãe: se o seu filho pudesse compral-o de novo, o Sr. voltaria á m'õ vender?

PAE THOMAZ

*(Indeciso).* Homem . . . eu queria mimosear . . .

LAURINDO

*(Com effusão).* Meo pãe desculpe; mas o Sr. Alvares poderá rehver o anel quando quizer.

PEDRINHO

*(Comovido).* Muito obrigado, beijo-lhe as mãos.

PAE THOMAZ

O que o Dr. disse é o mesmo que eu digo.

LAURINDO

*(Estendendo a mão á Pedrinho)* Sr. Alvares esta casa é sua, pôde contar com a nossa amizade. O homem que apregoa e defende a fraternidade e igualdade do genero humano, dando só a preferencia á virtude, ao talento, á educação e ao trabalho, acha e merece achar em todas as partes sympathias e amigos.

PEDRINHO

Muito obrigado, Dr., muito obrigado. Acredite que tem em mim um amigo verdadeiro e muito agradecido. *(Tia Rosa vae para a janella, espia, e virá-se para os tres, dizendo):*

TIA ROSA

Lá vem Bemvinda com a irmã soror Angelica.

PAE THOMAZ

*(A Laurindo).* Vae receber a sinhá. *(Dirigindo-se a Pedrinho).* E' a nossa pupilla, a filha adoptiva dos negros nagôs.

TIA ROSA

Ahi está a nossa afilhada. *(Vae para o corredor que figura estar na esquerda do scenario).*

PEDRINHO

O Sr. Brazil ha de desculpar; mas meo pãe carece d'um remedio . . .

PAE THOMAZ

V. S. espere; o Dr. ahi vem. O Sr. é um bom filho; eu gosto de ver esses cuidados pelo pãe. O Dr. tambem é muito extremo. Espere . . . ahi vem.

**Scena IV.**

OS MESMOS, BEMVINDA, TIA ROSA, LAURINDO E SOROR ANGELICA.

BEMVINDA

*(Entrando).* Eu queria vir mais cedo; mas . . . *(fitando Pedrinho)* mas não foi possível, minha mãe.

LAURINDO

*(Esperando que Bemvinda beije a mão de Pãe Thomaz).* O Sr. Alvares desculpe.

PAE THOMAZ

Agora dà-me um abraço. Você está muito bonita, minha filha. *(Pedrinho fica pensativo olhando para Bemvinda: Tia Rosa falla á Soror Angelica).* E a irmã como passou?

SOROR ANGELICA

Bien, senhor, obrigad . . .

LAURINDO

*(Dirigindo-se a Pedrinho).* Sr. Alvares, a afilhada de meos pães. *(Bemvinda empallidece, Pedrinho faz um cumprimento acanhadamente.)*

PEDRINHO

Peço licença . . . mas . . .

PAE THOMAZ

Pois não, meo Senhor. O Dr. lhe offereceo a nossa choupana e o dito dito. *(Pãe Thomaz levanta-se da cadeira).*

PEDRINHO

*(Dando a mão a Pãe Thomaz e cumprimentando os mais).* Muito obrigado. Eu pouco valho; mas o meu prestimo está ás suas ordens. *(Laurindo pegando na mão de Pedrinho sahe para acompanhal-o. Sahem os dous).*

BEMVINDA

*(Dirigindo-se perturbada para Soror Angelica).* Asseyez-vous, ma seur.

PAE THOMAZ

Ha! ha! ha! fallando lingua de branco. O' Rosa, a sinhá falla francez. Ha! ha! ha!.

TIA ROSA

(*Olhando com prazer para Bemvinda*). Deos te abençoê; estava-mos esperando-te, minha filha. Laurindo chegou agora mesmo: ahi estão esses embrulhos que elle trouxe. Ainda não sei o que é. Mas você está pallida! que tens?

BEMVINDA

Nada, minha mãe.

SOROR ANGELICA

Fatigue, estar longe.

LAURINDO

(*Entrando*). Bello moço! muito sympathico! Si o Brazil tivesse muitos como elle, outro seria o nosso futuro.

PAE THOMAZ

Bello moço!

LAURINDO

A irmã não é de cerimonia. Bemvinda, olha.... (*pega nos cartões e tira uma grinalda de rosas, um bouquet de cravos, um par de botinas de setim branco, e um par de luvas de pellica*). Para que não digas que Laurindo não te fez o presente da primeira communhão.

TIA ROSA

(*Examinando os objectos e mostrando-os a pae Thomaz e a Soror Angelica*). Muito mimoso! isto custou pelo menos 100\$000.

PAE THOMAZ

E que custasse um conto: é para a nossa Bemvinda.

BEMVINDA

(*Baixando modestamente os olhos*). Muito obrigada, Laurindo; muito obrigada, meu padrinho.

PAE THOMAZ

Ora, ora! você com ceremonias conosco. Outra grinalda quero eu que compre para você. (*Bemvinda ruborisa-se. Soror Angelica sorri. Laurindo fica pensativo contemplando Bemvinda: Tia Rosa leva o dedo index á bocca e olha para pae Thomaz, que continúa a rir*).

BEMVINDA

A irmã deve ter sêde, mamãe.

SOROR ANGELICA

Obrigada, eu vou-me embora. *Mademoiselle* sabe que amanhã *vers dix heures* deve estar lá.

LAURINDO

Mamãe e eu a acompanharemos.

TIA ROSA

Não tem duvida.

SOROR ANGELICA.

(*Despedindo-se*). *Mademoiselle* prepare-se bem para la première communion. Amanhã estará entourée des anges. (*Laurindo, tia Rosa e Bemvinda acompanhão Soror Angelica até á porta, sahindo pelo corredor. Sahem*).

PAE THOMAZ

(*Só*). Diacho! eu queria lhe dar este anel; mas.... se o moço vier por elle... Que diacho! aneis tem Rosa á fartura.... ahi vem elles. (*Entrão Bemvinda, Laurindo e Tia Rosa*).

TIA ROSA

O vestido ainda não chegou. Esse pae Florentino é muito pachorrento.

LAURINDO

Eu advinhei que você vinha. (*Dirijindo-se a Bemvinda*) Cheguei dez minutos antes que você.

PAE THOMAZ

Venha cá o Dr., segredo, isto é um segredo. Minha filha, não vás te zangar; é um segredo entre pai e filho.

TIA ROSA

Eu tambem tenho os meus segredos para Bemvinda. (*Pae Thomaz falla ao ouvido de Laurindo: tia Rosa faz o mesmo ao ouvido de Bemvinda*).

LAURINDO

Não, meu pae, não faça isso. Minha mãe tem tantos!

PAE THOMAZ

E' o mesmo que eu disse para os meus botões.

TIA ROSA

Trata-se de mim?

BEMVINDA

E' um segredo que vou saber. (*Dirige-se para pae Thomaz e com meiguice colloca o ouvido perto do rosto d'aquelle*).

PAE THOMAZ

Estou perdido. Esta feiticeira faz de mim o que quer. (*Ri e dá-lhe um beijo na testa*).

LAURINDO

Gostas d'este ramalhete, Bemvinda?

BEMVINDA

E' muito bonito. Você tem muito gosto.

PAE THOMAZ

Apanha a flôr, rapaz, apanha... ha! ha! ha!

BEMVINDA

O' padrinho, o Sr. sempre está caçoando. *(Entra um moleque)*.

MOLEQUE

Sió, pae Florentino está ahí: não quer entrar.

TIA ROSA

Eu já sei, rapaz, vou lá. *(Sahem ella e o moleque)*.

PAE THOMAZ

Rosa está de segredos: bom. Venhão cá. Sentem-se perto de mim. Si ella tem segredos, eu tambem os tenho. *(Laurindo e Bemvinda tomão assento á direita e á esquerda de pae Thomaz)*.

BEMVINDA

Que é?

PAE THOMAZ

Você é muito curiosa. Pois não! é mulher.

LAURINDO

Eu não sou mulher e...

PAE THOMAZ.

E quereis saber o que vou dizer-vos? Lá vou, pois: escutem. Amanhã, depois da festa da igreja, teremos o nosso jantar, nós e o pae Florentino; e de noite tomaremos uma chavena de chá, terminando o dia com um bailezinho. Que lhes parece? não está bem calculado?

BEMVINDA

Baile? não, padrinho.

LAURINDO

Bemvinda tem razão.

PAE THOMAZ

E porque tem razão? e porque não?

BEMVINDA

Porque faço amanhã a minha primeira communhão.

LAURINDO

Porque a sinhã deve estar cansada.

PAE THOMAZ

*(Dirigindo-se a Bemvinda)*. Você está ficando uma irmã da caridade... e você *(fallando a Laurindo)* muito commodista. Ha! ha! ha!

### Scena V.

OS MESMOS, TIA ROSA, E PAE FLORENTINO, *precedidos pelo moleque que tráz n'uma bandeja o vestido de Bemvinda*.

BEMVINDA

*(Indo ao encontro do pae Florentino)*. Meu padrinho! *(O pae Florentino dá um abraço na moça, e um aperto de mãos ao pae Thomaz e a Laurindo. Todos admirão o vestido)*.

TIA ROSA

Este vestido custa pelo menos 400\$000.

BEMVINDA

Bonitas rendas! E' muito bem feito! Quem fez?

LAURINDO

O feito é de franceza.

PAE FLORENTINO

Acredito que não; sei que não.

TIA ROSA

Mas quanto pagou?

PAE FLORENTINO.

150\$000 a fazenda e os enfeites.

TIA ROSA.

E' muito barato!

PAE FLORENTINO

Foi feito por francezas que sabem trabalhar tão bem como as francezas, segundo me disse a pessôa a quem o encarreguei.

TIA ROSA

Moleque, pega na bandeja e leva-a lá dentro. Vem cá. *(Laurindo, tia Rosa e o moleque pegão nas caixas e na bandeja e sahem: pae Thomaz falla ao ouvido de pae Florentino e sahe)*.

### Scena VI.

BEMVINDA E PAE FLORENTINO.

BEMVINDA

*(Commovida e olhando para o corredor: de mansinho)* O' meu Padrinho! acaba de sahir d'aquí..... nhonhô Pedrinho!

PAE FLORENTINO

Você está doida ! Que me diz ?

BEMVINDA

E' elle, é elle mesmo.

PAE FLORENTINO

Quem lhe disse ?

BEMVINDA

Eu lh'ó digo. Meu Deos, eu fiquei fria !

PAE FLORENTINO.

Mas elle conheceu quem era você ? *(Com anciedade)*

BEMVINDA

Eu nada sei. Eu fiquei fria !

PÁE FLORENTINO

*(Reflectindo)*. Não faz mal. Fique você tranquilla. Nhonhô Pedrinho não póde reconhecer a você: não é capaz.

BEMVINDA

Mas eu o reconheci... e quasi bradei... ó nhonhô ! Queria-me tanto bem !... Onde estará minha mãe ?

PAE FLORENTINO

Socegue, menina, socegue.

BEMVINDA

Laurindo disse que o nhonhô é muito bom moço.

PAE FLORENTINO

Laurindo o conhece ?

BEMVINDA.

Eu nada sei, padrinho. Quando cheguei, elle estava aqui *(acena com o dedo a cadeira da direita)*.

PAE FLORENTINO.

Então socega.

BEMVINDA .

Está um moço muito bonito: tem bigode, mas é o mesmo menino que era : não mudou. Oh ! se eu pudesse...

PAE FLORENTINO.

*(Com anciedade)*. Você fallou com elle ? Isto é o diabo !

BEMVINDA.

Laurindo apresentou-me como a afilhada da casa.

PAE FLORENTINO

Isto é o diabo ! Você nada diz, ouviu ? Você não falla n'isso, ouviu, minha filha ? Isto é o diabo !

PAE THOMAZ

*(Entrando)*. Olha, Bemvinda, lá dentro estão esperando a você: váe depressa. *(Bemvinda sahe com passos indecisos)*.

### Scena VII .

PAE THOMAZ E PAE FLORENTINO.

PAE THOMAZ

Esta menina é uma feiticeira. Rosa, Laurindo, eu e todos que a conhecem a queremos tambem

PAE FLORENTINO

*(Ficando serio e pensativo)*. E' uma perola. *(Ha uma pausa)*.

PAE THOMAZ

O compadre está hoje macambuzio. Que ha de novo ?

PAE FLORENTINO

*(Fechando a porta que váe ter no corredor)*. Compadre, o caso é serio.

PAE THOMAZ

Que ha de novo, compadre ?

PAE FLORENTINO

Que veio fazer esse moço, que sahio d'aqui, ha pouco ?

PAE THOMAZ

E' um bello moço. Diz o Doutor que é... homem, não sei : escreve n'um jornal. Veio vender este anel. *(Tira-o da algibeira do collete)*. Seu páe está muito doente. Comprei-o por 300\$000.

PAE THOMAZ

*(Examinando o anel)*. Estarão em apertos... O compadre sabe o seu nome ?

PAE THOMAZ

Homem, não me lembro ; mas o Dr. o conhece. Porque me faz essa pergunta ?

PAE FLORENTINO

Depois o saberá, compadre. Agora interessa-me saber o seu nome.

PAE THOMAZ

(Assobia). O' moleque! Compadre, abra a porta e chame o moleque.

PAE FLORENTINO

(Abrindo a porta e bradando). O' moleque!

MOLEQUE.

(De fóra). Prompto. (Entrando). Sió!

PAE THOMAZ

Váe chamar o Dr. (O moleque sahe. O páe Florentino senta-se).

LAURINDO

(Entrando). Meu páe.

PAE THOMAZ

Olha, meu filho, quem é aquelle moço do annel?

LAURINDO.

E' uma bella pessôa: um escriptor muito distincto. Chama-se Pedro Alvares. Eu o conheço; porque costumo ir á redacção do *Liberal*, onde trabalha tambem um collega do 4º anno. E' tudo o que sei; mas affianço a Vm. que é uma bella pessôa.

PAE FLORENTINO

Pedro Alvares!... O Dr. sabe si ha muito tempo que está no Rio?

LAURINDO

Eu o conheço ha pouco tempo.

PAE FLORENTINO

Sabe onde mora?

LAURINDO

Não sei. Mas que interesse tem em saber tudo isso?

PAE FLORENTINO

Homem, interesse não tenho; mas parece-me que eu o conheci em Campos.

LAURINDO

Póde ser.

PAE THOMAZ

Largue o rapaz, compadre; porque elle tem lá dentro muito que fazer. Ha! ha! ha!

PAE FLORENTINO

Desculpe, Dr., mas hem sabe que os velhos somos muito curiosos, quando trata-se de cousas passadas.

LAURINDO

Pois não! Peço licença: estamos arranjando uma surpresa.

PAE THOMAZ

O assombrado não serei eu. (Laurindo sahe).

PAE FLORENTINO

(Com ar grave e collocando-se defronte do páe Thomaz). Compadre, o moço é o mesmo que eu pensei. Póde ser um engano; mas diz o ditado—previna-se para os casos, e não experimentará tantos damnos. Esse moço é o filho do meu senhor. O compadre sabe tudo.

PAE THOMAZ

Bom: e que temos com isso?

PAE FLORENTINO

Nada, compadre, nada.

PAE THOMAZ

Mas o compadre está receioso...e té mysterioso.

PAE FLORENTINO

Nem por isso, compadre. Receioso! Bôas! A menina é tão livre como a vontade de Deus. Eu já disse uma vez que Nosso Senhor Jesus Christo morreu pelos homens e eu quero morrer por essa menina.

PAE THOMAZ

Cale a bocca, compadre, não falle d'esse modo. Morrer! Pois o compadre acredita que está fallando só? Pois diacho, o compadre acredita que depois de nove annos que nos conhecemos não achou em mim um mano? Compadre, Vm. me fez muito mal com essas palavras. Diacho!

PAE FLORENTINO

Olhe, compadre, não é por mim; é pela menina:... ha um mysterio...

PAE THOMAZ

Falle, compadre; temos coração e nos entenderemos.

PAE FLORENTINO

O negocio é, (coça a cabeça) o negocio é que nada sei de Agar.

PAE THOMAZ

Da mãe de Bemvinda?...

PAE FLORENTINO

Ella mesma: e Agar é o umbigo do meu plano n'este momento. Olhe, compadre, o futuro lhe dirá si eu não tenho razão. Não lhe posso dizer nada mais. Preparemos-nos para grandes desgostos.

PAE THOMAZ  
Como assim, compadre ?

PAE FLORENTINO  
O que está ouvindo.

PAE THOMAZ  
*(Levantando-se da cadeira)*. Diga, compadre. Que desgostos são esses? Falle.

PAE FLORENTINO  
Lá vá a bomba. Sabe, pois, compadre, que leva o diabo a futrica si Agar não estiver connosco !

PAE THOMAZ  
Que me diz, compadre ?

PAE FLORENTINO  
O que está ouvindo. *(Ouvem-se as vozes de Bemvinda, Laurindo e Tia Rosa que fallão e riem ás gargalhadas)*.

PAE THOMAZ  
Ahi vem elles. Quero ouvil-os rir sempre assim.

PAE FLORENTINO  
Juro que hão de rir sempre assim.

PAE THOMAZ  
Dê-me a mão, compadre. A pupilla dos negros nagòs ha de rir sempre assim. *(Dão-se as mãos)*.

PAE FLORENTINO  
Palavra de negro mina.

PAE THOMAZ  
*(Com emoção)*. Por Deus! palavra de negro mina! *(Entrão Bemvinda, Tia Rosa e Laurindo)*.

OS TRES  
Que é isso? que juramento é esse ?

PAE FLORENTINO  
*(Com enthusiasmo)*. Por Deus! palavra de negro mina!

PAE THOMAZ  
*(Dirigindo-se aos tres)*. Vocês tem os seus segredos, nós temos os nossos. *(Dão-se as mãos de novo)*. Por Deus! compadre, palavra de negro mina!

FIM DO 1º ACTO.

## ACTO II.

### CIUMES E ZELO

#### QUADRO I.

A sala da casa de Pedro Alvares : este sentado na sua cadeira de braços n'um canto da sala. Rosaura apoiada no espaldar da cadeira de seo marido, contemplando com manifesta emoção os afagos que Agar está fazendo á Adelina.

#### Scena I.

ROSAURA, ADELINA, AGAR e PEDRO ALVARES.

ADELINA

Tira esse chapéo : você quer ir-se já embora ? Você é muito ingrata ! *(Beija Agar e senta-se no seu regaço)*.

AGAR

*(Tirando o chapéo)*. Ir-me embora ? Cruz ! hoje vou dar-lhes uma boa massada : vou-me fartar de perguntas e respostas. Hontem de noite nem podia fallar. O' Sinhazinha, como está bella !

PEDRO ALVARES

*(Comovido)*. A...qui... só ha... mi...se...ria.

ROSAURA

*(Passando as mãos pela cabeça de seo marido)*. Pedro, não digas isso : Deus nunca abandona os seos : ainda nutro a esperança de te ouvir dizer :—Sou feliz.

AGAR

*(Com enthusiasmo)*. Esta minha sinhá foi sempre uma santa !

PEDRO ALVARES

Ser... santo... pra... morrer... de... fo...me... é o diabo !...

ROSAURA

Não falles assim. O nosso filho será o cajado da nossa velhice. Oh ! filhos como esse são a gloria dos seos páis !

PAE THOMAZ  
Como assim, compadre ?

PAE FLORENTINO  
O que está ouvindo.

PAE THOMAZ  
*(Levantando-se da cadeira).* Diga, compadre. Que desgostos são esses? Falle.

PAE FLORENTINO  
Lá váe a bomba. Sabe, pois, compadre, que leva o diabo a futrica si Agar não estiver conosco !

PAE THOMAZ  
Que me diz, compadre ?

PAE FLORENTINO  
O que está ouvindo. *(Ouvem-se as vozes de Bemvinda, Laurindo e Tia Rosa que fallão e riem ás gargalhadas).*

PAE THOMAZ  
Ahi vem elles. Quero ouvil-os rir sempre assim.

PAE FLORENTINO  
Juro que hão de rir sempre assim.

PAE THOMAZ  
Dê-me a mão, compadre. A pupilla dos negros nagòs ha de rir sempre assim. *(Dão-se as mãos).*

PAE FLORENTINO  
Palavra de negro mina.

PAE THOMAZ  
*(Com emoção).* Por Deus! palavra de negro mina! *(Entrão Bemvinda, Tia Rosa e Laurindo).*

OS TRES  
Que é isso? que juramento é esse ?

PAE FLORENTINO  
*(Com enthusiasmo).* Por Deus! palavra de negro mina!

PAE THOMAZ  
*(Dirigindo-se aos tres.)* Vocês tem os seus segredos, nós temos os nossos. *(Dão-se as mãos de novo).* Por Deus! compadre, palavra de negro mina!

FIM DO 1º ACTO.

## ACTO II.

### CIUMES E ZELO

#### QUADRO I.

A sala da casa de Pedro Alvares : este sentado na sua cadeira de braços n'um canto da sala. Rosaura apoiada no espaldar da cadeira de seo marido, contemplando com manifesta emoção os afagos que Agar está fazendo á Adelina.

#### Scena I.

ROSAURA, ADELINA, AGAR E PEDRO ALVARES.

ADELINA

Tira esse chapéo : você quer ir-se já embora ? Você é muito ingrata ! *(Beija Agar e senta-se no seu regaço).*

AGAR

*(Tirando o chapéo).* Ir-me embora ? Cruz ! hoje vou dar-lhes uma bôa massada : vou-me fartar de perguntas e respostas. Hon-tem de noite nem podia fallar. O' Sinhazinha, como está bella !

PEDRO ALVARES

*(Comovido).* A...qui... só ha... mi...se...ria.

ROSAURA

*(Passando as mãos pela cabeça de seo marido).* Pedro, não digas isso : Deus nunca abandona os seos : ainda nutro a esperança de te ouvir dizer :—Sou feliz.

AGAR

*(Com enthusiasmo).* Esta minha sinhá foi sempre uma santa !

PEDRO ALVARES

Ser... santo... pra... morrer... de... fo...me... é o diabo !...

ROSAURA

Não falles assim. O nosso filho será o cajado da nossa velhice. Oh ! filhos como esse são a gloria dos seos páis !



PEDRO ALVARES

Vo...cê e elle... são... a cau...sa da minha... mise...ria.  
Não... me... faça... fal...lar. Di...a...bo! Até... de...rão  
a...liber...da...de á...quel...le bil...tre do Páe José...

AGAR

Páe José é forro, sinhá ?

ROSAURA

O forramos, ha muitos annos. Mas, Pedro, para que trazes á  
lembrança cousas passadas ? Deus dará.

PEDRO ALVARES

Váe ao diabo, mulher... do... de...monio.

AGAR

Meo senhor, dando-me a liberdade fez dous escravos.

PEDRO ALVARES

Bôas...

ROSAURA

Deus tarda ; mas não abandona.

PEDRO ALVARES

Bô...as !

ROSAURA

Prova, Pedro, prova ; mas eu sei que não abandona.

PEDRO ALVARES

Pro...pro...va...com...fo...me...

ADELINA

Agar, vamos lá dentro ?

AGAR

Como a Sinhasinha quizer.

ROSAURA

Vão : Agar sabe que somos pobres.

AGAR

Minha senhora...

PEDRO ALVARES

Quero... ir... lá... den...tro .. (Rosaura, Adelina e Agar  
empurrão a cadeira).

PEDRO ALVARES

(Com ar carrancudo). Dis...pen...so a se...nho...ra D...  
ha!... ha!... ha!...A...gar...

AGAR

(Com tristeza). Meo senhor...

ROSAURA

(Dirigindo-se a Agar com benevolencia). Fique você ahi até eu  
voltar. (Sahem empurrando a cadeira de Alvares para a sala de  
jantar.)

AGAR

(Só, olhando para o grupo que váe afastando-se). Sempre o  
mesmo... é escarrado sua mãe ! A senhora captiva com a sua  
bondade, elle irrita com a sua dureza de coração. E no emtanto  
esse homem não devia ser mão para comigo.

## Scena II.

AGAR, PEDRINHO, ROSAURA, ADELINA E MR. HARRIS.

PEDRINHO

(Empurrando a porta e entrando). O' Agar! (Dá-lhe um abraço).

AGAR.

(Com emoção), O' meo nhonhô !

PEDRINHO

Onde estão ?

AGAR.

Forão lá dentro.

PEDRINHO

Oh ! se fosse certo...

AGAR

O que, meu nhonhô ?

PEDRINHO

Depois o saberás, Agar. Mas si fosse certo o que acabão de  
me dizer, minha bôa mãe não choraria mais como o fez hontem  
a estas horas.

AGAR

Diga, meo nhonhô, diga : eu os quero tanto. (Entra Rosaura.  
Dá a seu filho a mão a beijar, e dirigindo-se a Agar, diz):

ROSAURA

Agar, você deve desculpar... coitado, soffre muito !

AGAR

Mas, minha senhora, para que essas ceremonias comigo?

PEDRINHO

Mas que foi?

ROSAURA

Nada, meo filho, nada. Teo pãe está feito uma creança.

AGAR

Não fallemos n'isso.

PEDRINHO

Pobre do meo pãe! a sua enfermidade é terrivel. Oh! si fosse certo! . . . (*Rosaura e Agar olhão para Pedrinho com anciedade*).

ROSAURA

O que é, meu filho?

PEDRINHO

Se fosse certo, mamãesinha, se fosse certo, Vm. não choraria mais.

ROSAURA

Mas o que é, meu filho?

PEDRINHO

Por enquanto, nada posso dizer: espero o meu amigo Harris: elle deve chegar agora mesmo.

AGAR

Nhonhô, diga alguma cousa.

ROSAURA

Falla, meu filho: sinto o coração muito apertado.

PEDRINHO

Ah! minha mãe, se fosse certo, Vm. não soffreria mais.

ADELINA

(*Assomando à porta da alcova*). Por isso é que tardava tanto mamãe!

ROSAURA

(*Olhando para a porta*). Não deixes teu pai só, minha filha.

AGAR

Eu lá vou, sinhá.

ADELINA

Não fiquem ahí muito tempo.

ROSAURA

Não dilato, minha filha. (*Batem á porta. Adelina esconde-se*).

PEDRINHO

(*Indo vêr quem é*). E' Mr. Harris.

MR. HARRIS

(*Entrando*). Bom dia, minha senhora. . . . (*dando-lhe a mão*).

ROSAURA

Bom dia, Sr. Harris.

MR. HARRIS

V. Ex. passou bem?

ROSAURA

Soffrivelmente.

PEDRINHO

O meo amigo não foi muito longe.

MR. HARRIS

Não, muito pertinho.

ROSAURA

Desculpe, Sr. Harris.

MR. HARRIS

A Snra. é quem deve desculpar; mas desejo fallar ao amigo. (*Rosaura e Agar complimentão e retirão-se*).

### Scena III.

PEDRINHO E HARRIS

PEDRINHO

Sente-se.

MR. HARRIS

(*Tomando assento*). Ha pouco lhe disse que queria fallar-lhe sobre aquelle negocio.

PEDRINHO

Sou todo ouvidos, meu amigo.

MR. HARRIS

Vou lhe fallar como um irmão. As idéas que manifestou por vezes nos seus escriptos: ser o Sr. brasileiro: ter o talento que todos lhe reconhecem: a desgraça de sua familia: e muitos outros motivos que não careço manifestar, animão-me a fazer-lhe

uma proposta muito vantajosa para o Sr., que tornal-o-ha independente, fornecendo-lhe ao mesmo tempo occasião de se fazer conhecido no Brazil e, o que é ainda mais, no estrangeiro, particularmente na Inglaterra.

PEDRINHO

Muito obrigado.

MR. HARRIS

O negocio é o seguinte. Trata-se de fundar um diario no Rio de Janeiro para advogar tres grandes principios—a liberdade dos escravos, do commercio, e das consciencias.—As sociedades emancipadoras inglezas têm em toda a America, como o Sr. não ignora, órgãos por ellas pagos ou subvencionados com este objecto, inteiramente christão, philantropico e civilizador. A' sua constancia, ao seu zelo incansavel, aos seus immensos sacrificios é devido em grande parte o progresso que fizerão estas idéas nos ultimos annos. O que mais interessa é ver desaparecer do Brazil o elemento servil. Meo caro, os escravos são uma nodôa muito negra no Imperio brasileiro.

PEDRINHO

Apoiado.

MR. HARRIS

(Com enthusiasmo). O Sr. tem ás suas ordens 10,000 libras esterlinas para fundar um diario com o fim de espalhar essas idéas : além d'isso, pôde contar com a protecção do povo inglez. Espero só a sua resolução para lhe mostrar os plenos poderes com que estou authorisado para tratar com o Sr.

PEDRINHO

Essas idéas são as minhas e as da maioria illustrada do meo paiz; mas sou muito novo, não gozo de prestigio no meo Brazil; e vou crear muitos invejosos.

MR. HARRIS

Mas o Sr. tem muitos amigos no seo paiz, conta com um capital que o torna independente, e sobretudo, é brasileiro. A escravidão é a gangrena que corrôe o Brazil.

PEDRINHO

Mr. Harris, queira me desculpar, se eu uso tambem de franqueza n'esta occasião Eu... pobre, escuro escriptor sem nomeada, poderia acceitar essas vantagens dos meus patricios; mas não posso acceital-as dos inglezes; porque, sobretudo, sou brasileiro.

MR. HARRIS

Louvo o seu patriotismo, mas eu conheço o Brazil, ha muitos annos. Com essas idéas, por louvaveis que sejam, morrerá á mingôa no seu paiz. Pois o Sr. acredita que si eu fizesse esta proposta a mil d'esses seus patricios que cacarejão de patriotas, haveria um só

que não a acceitasse? O Sr. é muito moço. Perdôe. Eu aprecio muito o seu talento, a sua honestidade, o seu patriotismo, o seo amor ao trabalho e as suas qualidades; e por essa mesma rasão lhe fallo francamente. O verdadeiro patriotismo, meu caro, é aquelle que trata de bem fazer ao seo paiz, não se importando com os elementos com que trabalha para tornal-o feliz. Que os fundos para a publicação d'um diario d'essa natureza sejam inglezes, belgas, norte-americanos, ou brasileiros é uma questão accidental. O negocio essencial é a felicidade do Brazil. O Sr. é brasileiro; as condições elementares por mim esboçadas são do seo modo de pensar; os fornecedores dos meios pecuniarios não pretendem tornal-o inglez, pelo contrario, desejão, pedem, querem, ambiçãoão que o Sr. seja tão brasileiro sempre como o foi até agora; por conseguinte, que escrupulos são esses? Digo-lhe mais, não é melhor que o Sr., sendo brasileiro, escreva um diario em lingua brasileira, com idéas brasileiras, com espirito brasileiro, do que appareção outros n'este paiz em inglez ou francez, que sirvão aos interesses mencionados com espirito estrangeiro, em lingua estrangeira e com pennas estrangeiras.

PEDRINHO

Ha de perdoar; mas assim de chofre não posso lhe dar uma resposta. Deixe-me pensar, talvez dormindo com essa idéa acordarei resolvido.

MR. HARRIS

*To be or not to be, that is the question*, meo amigo. Os principios enunciados são os seus, logo...

PEDRINHO

Devo defendel-os.

MR. HARRIS

Então; que difficuldade ha n'uma cousa tão simples?

PEDRINHO

Peço-lhe desculpa; mas deixe-me tempo para reflectir.

MR. HARRIS

Onde o posso procurar amanhã para saber a sua decisão?

PEDRINHO

Aqui mesmo a estas horas.

MR. HARRIS

Olhe, Sr. Alvares, eu sou muito seu amigo, o tempo lhe mostrará que um inglez quando é amigo, é verdadeiro e dedicado.

PEDRINHO

Sei, Mr. Harris, conheço tudo isto.

MR. HARRIS

Saberá ainda mais. Nós não somos expansivos, como os homens da raça latina; mas... deixe-m'o dizer, somos leões até a teima. Vou-me embora: espero lhe dar um abraço amanhã. O negocio é bom, justo e até christão. O Sr. tem mãe, irmã e pae a quem deve servir de esteio: o Sr. é moço e tem um futuro muito esperançoso. No seo paiz as letras, a não serem de cambio, de pouco ou nada servem.

PEDRINHO

Desgraçadamente é verdade.

MR. HARRIS

*Time is money.* Vou-me embora. (*Levantão-se e Pedrinho acompanha até a porta Mr. Harris*).

#### Scena IV.

ROSAURA, ADELINA E PEDRINHO

PEDRINHO

Mamãe, ò minha mãe!

ROSAURA

(*Entrando*). Que é, meu filho?

PEDRINHO

(*Com ar expansivo*). Dez mil libras esterlinas se eu aceitar...

ROSAURA

(*Com anciedade*). Si acceitares o que, meo filho?

PEDRINHO

Si eu quizer redigir uma folha para advogar a emancipação dos escravos.

ROSAURA

Explica-te, meo filho, não comprehendo.

PEDRINHO

(*Fallando de mansinho*). As sociedades emancipadoras de Londres, por intermedio de Mr. Harris, promettem-me cem contos de réis para fundar no Rio um jornal que defenda a liberdade dos escravos, do commercio e das consciencias. Cem contos de réis, minha mãe!

ROSAURA

(*Pensando*). Teo avò acceitava, meo filho, com uma condiçã o só.

PEDRINHO

Já sei. Si os proponentes fossem brasileiros.

ROSAURA

Não, meu filho. Ficando elle sempre brasileiro.

PEDRINHO

Deixar de sel-o eu é impossivél!

ROSAURA

Nunca, meu filho, este sangue é mineiro.

PEDRINHO

Então, minha mãe acredita que posso acceitar.

ROSAURA

Acceita, meu filho, acceita. Es filho das minhas entranhas, e eu sou brasileira.

PEDRINHO

E o que dirão os nossos patricios?

ROSAURA

(*Com energia*). O que dirão?... Fallaráo e tu escreverás e ensinar-lhes-has a educar os escravos: fallaráo, e tu seguirás escrevendo, e elles aprendendo a verdade. Educar os negros é salvar o paiz: dentro de 30 annos, si os desgraçados escravos forem educados, o Brazil será, senão o primeiro povo do mundo, pelo menos um dos primeiros. Olha, Agar escrava era o pesadello da familia: Agar livre é a nossa amiga, a nossa irmã. Acaba de dar á Adelina cinco apolices: eu não queria que as acceitasse; mas o seu pranto abrandou até o coração de teu pae. (*Passa o lenço pelos olhos*).

PEDRINHO

Acceito, minha mãe?

ROSAURA

Acceita com a condição de ser sempre brasileiro.

ADELINA

(*Entrando*). O' mamãe! meo pae está dormindo. Agar começou a coçar-lhe a cabeça, depois que Vm. sabio, e ficou dormindo. (*Dirigindo-se a Pedrinho, com meiguice*). Tenho cinco apolices.

PEDRINHO

E cinco mais que eu vou te dar.

ADELINA

Onde estão?

Na minha bocca. PEDRINHO

Não seja você tólo!... ADELINA

(Acarinhando Adelina). Elle t'as dará. ROSAURA

Vamos lá dentro, mamãe. Agar quer fazer o jantar. ADELINA

Deus tarda, meus filhos, mas não abandona. ROSAURA

(Ouve-se na rua a voz de um negro quitandeiro que brada):

Laranjas selectas,  
Bananas maçãs,  
Compre já sinhá,  
Que o negro capenga  
Não volta amanhã.  
Tic, tic, tic, tá, tic, tic, tá.)

O' mamãe, compra. ADELINA

Chama esse negro, Pedrinho. ROSAURA

(Olhando pela persiana da rotula). Está aqui mesmo na porta. PEDRINHO

### Scena V.

PEDRINHO, ADELINA, ROSAURA, AGAR e o negro quitandeiro.

Entra, pãe. (Abrindo a porta. O negro quitandeiro entra coxeando: cobertos os olhos até a raiz do nariz, com um lenço, e com o taboleiro na cabeça). PEDRINHO

A benção... (Fica como indeciso). PAE FLORENTINO

Dá cá, pãe. (colloca o taboleiro no chão). PEDRINHO

Oh! como são bonitas estas laranjas! ADELINA

Escolhe, minha filha. ROSAURA

Vou vêr meo pãe. (Sahe). PEDRINHO

Dize a Agar que venha. (O negro quitandeiro olha para todos os lados com curiosidade). Ella escolherá melhor do que eu. ADELINA

Quanto pede você por cada laranja? ROSAURA

Escolha, sinhá. PAE FLORENTINO

(Entrando). O Sr. está dormindo e nhonhô Pedrinho ficou lá escrevendo. AGAR

Agar, vem cá, olha que bonitas laranjas! ADELINA

Comprem o que quiserem, eu volto já. (Sahe). ROSAURA

(Olhando para as laranjas). Vamos sinhá, compre tudo o que quizer. Olhe, estas são muito boas. (Ficão de cocoras escolhendo-as. O quitandeiro limpa com a aba do rodaque as lagrimas que lhe correm pelas faces, arremedando que é o suor). AGAR

Uma duzia de laranjas e estas bananas, quanto é, pãe? (O quitandeiro parece estar reflectindo). ADELINA

Uma pataca. PAE FLORENTINO

(Pagando). Pegue no dinheiro, pãe. AGAR

Tã bom. Sinhá pôde dar a mão para carregar. (Agar pega n'um lado do taboleiro e váe abrir a porta). A benção, Sinhá. (Sahe). PAE FLORENTINO

### Scena VI.

AS MESMAS, ROSAURA E PEDRINHO.

(Com emoção). A sinhasinha não se lembra do pãe José? AGAR

ADELINA

(*Descascando uma laranja*). Porque fazes esta pergunta?

AGAR

Esse preto (*olhando pela rotula*) se parece como pae José.

ADELINA

(*Comendo a laranja*). São muito dôces.

AGAR

(*Pensativa e voltando-se para Adelina*). Esse preto, se não é, parece-se muito com o pae José.

ADELINA

Deixa-te d'isso; si fosse, mamãe o teria reconhecido.

AGAR

Não sei o que sinto; mas... esse preto me faz lembrar da coitadinha Colombia. (*fica pensativa. Entra Pedrinho*).

ADELINA

(*Dirigindo-se a elle*). O' mano! Agar disse que o preto que vendeo estas laranjas assemelha-se ao pae José.

AGAR

Nhonhô olhou bem para elle?

PEDRINHO

Não; mas pae José não era côxo.

AGAR

Mas como explicar o que eu sinto? Desde que sahio d'aqui o preto tenho muitas saúdaes de Colombia. Porque levava amarrado até os olhos aquelle lenço?

PEDRINHO

Essa é bôa!

AGAR

Não, nhonhô, esse preto é muito parecido com o pae José.

PEDRINHO

Você embirrou com o preto. Si eu te dissesse que vi hontem uma rapariga que me fez lembrar Colombia, então cresceria a tua scisma. Você sabe o que é? Pois olha: é um phenomeno muito natural. Nos encontramos hontem depois de tantos annos e a imaginação evoca as reminiscencias quasi apagadas d'aquelle tempo. Agora

experimentaremos esses phenomenos. Toda a noite passada pairou sobre o meu somno Colombia. Quem sabe onde estarão o pae José e a coitadinha Colombia? Eu queria tanto aquella menina!.. São fôrros tanto ella como elle.

AGAR

O' meu nhonhô, a imagem de Colombia persegue-me em todas as partes e a todas as horas. Coitadinha!

ADELINA

Mamãe sempre lembra-se d'ella com saudades.

AGAR

Coitada de minha filha! (*Chorando*).

PEDRINHO

Não chores, Agar, não chores. Uma casualidade pôde devolvernos Colombia. Si eu fosse rico havia de envidar todos os esforços para saber seo paradeiro. Eu queria tanto aquella menina!...

AGAR

(*Passando o lenço pelos olhos*). Era tão meiga, tão desgraçadinha.

ROSAURA

(*Entrando*). Que é isso, você chorando?

ADELINA

Lembrou-se de Colombia e disse que o preto quitandeiro, que vendeo estas laranjas, se parece com o pae José.

ROSAURA

(*Levando a mão á testa*). Homem, é verdade!...

AGAR

Não disse eu? Não é verdade, sinhá, que se parece com o pae José!

ROSAURA

E' verdade!

PEDRINHO

Bom, fiquem n'isso; tenho muito que fazer. (*Fallando a Agar*). Você fica a jantar connosco?

AGAR

Fico até depois do chá.

PEDRINHO

Então até logo.

ROSAURA

Quando voltarás, meo filho?

ADELINA

(*Descascando uma laranja*). Porque fazes esta pergunta?

AGAR

Esse preto (*olhando pela rotula*) se parece como pãe José.

ADELINA

(*Comendo a laranja*). São muito dõces .

AGAR

(*Pensativa e voltando-se para Adelina*). Esse preto, se não é, parece-se muito com o pãe José.

ADELINA

Deixa-te d'isso; si fosse, mamãe o teria reconhecido.

AGAR

Não sei o que sinto; mas... esse preto me faz lembrar da coitadinha Colombia. (*fica pensativa. Entra Pedrinho*).

ADELINA

(*Dirigindo-se a elle*). O' mano! Agar disse que o preto que vendeo estas laranjas assemelha-se ao pãe José.

AGAR

Nhonhô olhou bem para elle ?

PEDRINHO

Não ; mas pãe José não era côxo.

AGAR

Mas como explicar o que eu sinto ? Desde que sahio d'aqui o preto tenho muitas saudades de Colombia. Porque levava amarrado até os olhos aquelle lenço ?

PEDRINHO

Essa é bõa !

AGAR

Não, nhonhô, esse preto é muito parecido com o pãe José.

PEDRINHO

Você embirron com o preto. Si eu te dissesse que vi hontem uma rapariga que me fez lembrar Colombia, então cresceria a tua scisma. Você sabe o que é ? Pois olha : é um phenomeno muito natural. Nos encontramos hontem depois de tantos annos e a imaginação evoca as reminiscencias quasi apagadas d'aquelle tempo. Agora

experimentaremos esses phenomenos. Toda a noite passada pairou sobre o meu somno Colombia. Quem sabe onde estarão o pãe José e a coitadinha Colombia ? Eu queria tanto aquella menina!.. São fôrros tanto ella como elle.

AGAR

O' meu nhonhô, a imagem de Colombia persegue-me em todas as partes e a todas as horas. Coitadinha!

ADELINA

Mamãe sempre lembra-se d'ella com saudades.

AGAR

Coitada de minha filha ! (*Chorando*).

PEDRINHO

Não chores, Agar, não chores. Uma casualidade pôde devolver-nos Colombia. Si eu fosse rico havia de envidar todos os esforços para saber seo paradeiro. Eu queria tanto aquella menina!...

AGAR

(*Passando o lenço pelos olhos*). Era tão meiga, tão desgraçadinha.

ROSAURA

(*Entrando*). Que é isso, você chorando ?

ADELINA

Lembrou-se de Colombia e disse que o preto quitandeiro, que vendeo estas laranjas, se parece com o pãe José.

ROSAURA

(*Levando a mão á testa*). Homem, é verdade!...

AGAR

Não disse eu ? Não é verdade, sinhá, que se parece com o pãe José !

ROSAURA

E' verdade !

PEDRINHO

Bom, fiquem n'isso ; tenho muito que fazer. (*Fallando a Agar*). Você fica a jantar comnosco ?

AGAR

Fico até depois do chá.

PEDRINHO

Então até logo.

ROSAURA

Quando voltarás, meo filho ?

PEDRINHO

(*Beijando a mão de sua mãe*). Dentro de duas ou tres horas  
(*Sahe despedindo-se das tres*).

**Scena VII.**

ROSAURA, ADELINA E AGAR

ROSAURA

Minha filha, váe acompanhar teu pae. Agar e eu cuidaremos dos  
arranjos da casa, váe depressa.

AGAR

(*Botando no avental os fructos*). Vamos, sinhasinha.

Vamos.

ADELINA

A sinhá fica aqui ?

AGAR

ROSAURA

Adelina ficará com seu pae: você volte porque quero lhe fallar.  
(*Adelina e Agar sahem*).

ROSAURA

(*Só*). E' um dialogo embaraçoso ; mas necessario... (*Fica pen-  
sativa*). Ella pôde enxergar nas minhas palavras muitas cousas  
mais do que as que eu direi. Sou mulher ; meo pae, porém, le-  
gou-me o seo magnanimo coração. Os escravos são victimas da  
má educação e dos mãos exemplos que nós lhes damos ; mas,  
embora escravos e ignorantes, sentem como páes e mães. Ser mãe  
é ter subido já um degráo na escada da verdadeira regeneração  
moral e social. Fallarei, estudarei nos seos traços a maternidade  
e consolarei ou perdoarei... Eu tambem sou mãe....

AGAR

(*Entrando com ar acanhado*). Aqui estou, sinhá.

ROSAURA

(*Pegando n'uma cadeira*). Duas palavras, Agar. Feche a porta  
d'aquelle quarto, eu fecharei a da rua. (*Fechão as portas e Ro-  
saura senta-se*).

AGAR

(*Em pé com timidez e empallidecendo*). Que ha de novo, sinhá?

ROSAURA

(*Concentrando-se em si mesma*). Duas palavras. Faça-se conta  
que eu sou sua amiga da meninice. Accredite que eu sei o que é  
a escravidão. Eu sou mãe : você é tambem : somos duas mães.

A liberdade, o amor de mãe e o tempo terão ensinado a você a  
respeitar a sua dignidade de mulher, de mãe e de christã.

AGAR

(*Com anciedade*). Falle, Sinhá, falle, o meu coração estoura.

ROSAURA

(*De mansinho*). Queria saber duas cousas;... contentar-me-hei  
em saber uma só.

AGAR

(*Perturbada*). Acabe, sinhá, acabe, eu lhe direi tudo.

ROSAURA

(*Hesitando*). Diga a verdade, Agar, ... eu sou mãe.

AGAR

(*Tremendo*). Eu direi tudo, sinhá, tudo.

ROSAURA

(*Fitando Agar*). Você sabia quem devia roubar Colombia n'a-  
quella noite, antes de entrar na sala de jantar?...

AGAR

(*Tomando folego*). Nada... sabia, sinhá; mas... desconfiava...

ROSAURA

Já sei...

AGAR

(*Cahindo de joelhos aos pés de Rosaura*). Não sabe, sinhá!....

ROSAURA

(*Com dignidade*). Enxergo...

AGAR

(*Chorando*). Ah! sinhá!... o pae José queria muito nho-  
nhô Pedrinho...

ROSAURA

(*Repellindo com a mão Agar*). Basta, Agar.

AGAR

(*Com desesperação*). Ouça, sinhá, ouça, sinhá, ouça pelo amor  
do nhonhô, ouça...

ROSAURA

(*Com vivacidade*). Colombia foi roubada por ordem do  
nhonhô ?



AGAR

(*Escondendo o rosto entre as mãos*). Ah! sinhá! eu nada sei...

ROSAURA

(*Com emoção e fitando o céu*). Nada mais quero saber. Deus te perdõe... Si eu continuasse as minhas perguntas, soffreríamos muito tu e eu.

AGAR

Os escravos são muito desgraçados : não podem fallar.

ROSAURA

E o silencio e a falsidade são o apanagio da escravidão. Eu sei, eu adivinho; quero esquecer. (*Reflecte e levanta-se da cadeira*). Agar, você tem em mim uma irmã.

AGAR

(*Beijando de joelhos as mãos de Rosaura*). Sinhá, Vm. é uma santa!...

ROSAURA

Agar, Rosaura Costa é mãe.

## QUADRO II.

A sala da casa dos negros minas, padrinhos de Bemvinda.  
O mesmo que no acto 1o.

### Scena I.

PAE FLORENTINO E PAE THOMAZ.

PAE FLORENTINO

Dentro de tres dias ella é ingleza : eu farei, quando fôr conveniente, o que acabo de lhe dizer, e a pupilla dos negros minas ha de rir sempre.

PAE THOMAZ

(*Com mysterio*). O inglez hontem de noite não queria : não sei que leis, que diabo, que difficuldades, que empecilhos elle apresentava; mas, enfim, disse hoje que sim. Fallarão, fallarão e fallarão, e depois de terem discutido em inglez mais d'uma hora, virou-se o velho para o moço e disse-lhe em portuguez : — esse homem pôde ficar descansado : dentro de quatro dias pôdem vir e a bandeira ingleza cobrirá a rapariga.

PAE FLORENTINO

Mas você mostrou o papel?

PAE THOMAZ

Pois não! o nosso homem fez o que desejavamos.

PAE FLORENTINO

E agora que digão que os negros são uns estupidos.

PAE THOMAZ

Estupidos!... ha! ha! ha! Mas temos coração. Agora, compadre, vamos tratar de você.

PAE FLORENTINO

De mim? Não pense n'isso, compadre. Eu cá sei. Quer que lhe diga? Pois ouça. O meo medo agora é Laurindo. Eu sei que elle gosta da afilhada que se pella! Si Laurindo não fôr rapaz de juizo leva o diabo a futrica, eu cá sei. Eu disse já ao compadre o que acabo de ver, o que penso, o que quero fazer : agora o compadre venha-me em auxilio para conseguirmos o almejado.

PAE THOMAZ

Mas, compadre, eu não entendo esses mysterios. Que diabo de negocios são esses? O rapaz quer a menina, ella quer o rapaz. Eu cá sei, ella quer o rapaz. E então?

PAE FLORENTINO

Que ella queira o rapaz, eis ahi o que eu não sei.

PAE THOMAZ

Como assim, compadre? Você e Rosa me massão com essa duvida. Hoje mesmo vou saber a verdade.

PAE FLORENTINO

Compadre, quem váe de vagar, váe depressa.

PAE THOMAZ

N'este negocio, compadre, ir depressa é melhor. Agora, quando voltarem da festa, será necessario dizer-lhes que ella váe se naturalisar ingleza. Laurindo deve estar presente. Então arrumo a bomba e zás!... pancada dada, ferida aberta.

PAE FLORENTINO

Ah! diacho! eu quero estar presente.

PAE THOMAZ

Você váe ver, compadre, você váe ver. Elles não pôdem tardar. Já é perto de uma hora da tarde.

PAE FLORENTINO

Com effeito, a festa foi comprida...

PAE THOMAZ

Mas estão tão pobres assim como me disse?

PAE FLORENTINO

Que diz compadre?

PAE THOMAZ

Perdão, compadre, estava pensando no moço do anel, e dizia eu si com effeito estavam tão pobres assim.

PAE FLORENTINO

Desgraçados, compadre, muito desgraçados. Eu chorei. A sinhá é uma perola: o nhonhô, que aqui esteve, é cousa muito boa. A velha morreu,—o diabo a levou. O homem está entrevado, a sinhásinha... coitada! Eu chorei hontem, e chorei hoje. Ha dez annos!...

PAE THOMAZ

O compadre me disse que a mãe da afilhada estava com elles.

PAE FLORENTINO

Estava; mas ella parecia a senhora.

PAE THOMAZ

Mas você mandou já alguém para saber de Agar?

PAE FLORENTINO

Pois não lhe disse, compadre, que amanhã hei de saber tudo? Esta noite devo ir á casa do nosso amigo. (*Ouve-se na rua o rodar d'um carro*).

PAE THOMAZ

Devem ser elles. (*Vae para a janella e espia*). Pois não, ahi estão? (*Sahe o pae Thomaz a recebe-los. Pae Florindo fica olhando pela janella*).

PAE FLORENTINO

E' o retrato da mãe. Oh! si o compadre soubesse! mas este é o meu segredo.

### Scena II.

PÁE FLORENTINO, PÁE THOMAZ, TIA ROSA E BEMVINDA  
*trajada de branco, vindo de fazer a primeira communhão, e LAURINDO.*

TIA ROSA

(*Entrando na sala primeiro*). Que calor, a menina desmaiou-se.

BEMVINDA

(*Pallida*). Havia tanto povo...

PAE THOMAZ

Você está muito bonita!

BEMVINDA

A benção, meu padrinho.

PAE FLORENTINO

Deus vos abençõe, minha afilhada.

LAURINDO

(*Sério*). Bemvinda está fraca.

PAE THOMAZ

Diacho, não tem comido desde hontem: e é uma hora da tarde. O' Rosa! váe pr'a lá dentro ver os quitutes: eu tenho já fome.

TIA ROSA

Esta é boa! Você não quer que a gente descanse um bocadinho? Olhe que estou estafada.

BEMVINDA

Eu não tenho appetite, padrinho.

PAE THOMAZ

O comer e o coçar tudo é começar. E aos 18 annos sempre se tem appetite. Vocês vierão tristonhos!

LAURINDO

Bemvinda é que parece estar preocupada. Não fallou duas palavras em todo o caminho.

TIA ROSA

Coitada da menina! Tres horas de joelhos com aquelle calor. Havia povo... cruz! a gente estava como sardinha em tigella.

BEMVINDA

(*Alterada*). Estou muito fatigada: tenho muito calor, Laurindo. (*Colloca o bouquet de rosas ao pé do oratorio: tira a corôa e deposita-a no centro da urna de Nossa Senhora: estende o véo de virgem sobre o mesmo oratorio*). Estou muito cansada, Laurindo. Não tenho vontade de me mover.

PAE THOMAZ

Descansa, minha filha, descansa; falla com o teu padrinho enquanto nós tres vamos lá dentro. (*Acaricia com a mão a Bemvinda. Laurindo olha para ella com amor estremecido. Tia Rosa levanta-se e os tres sahem*).

**Scena III.**

PÁE FLORENTINO e BEMVINDA

PAE FLORENTINO

*(Depois de observar a moça e estar certo de que ninguém os ouve).* Menina, você que tem? Você está feita uma outra menina desde hontem. Falle, você sabe que eu vivo por você, falle. Este pobre velho só quer a sua felicidade. Eu posso morrer a vergalho, mas você será feliz.

BEMVINDA

*(Lançando-se nos braços de páe Florentino e chorando).* Sou muito desgraçada!

PAE FLORENTINO

*(Commovido).* Desgraçada! Por Deus, não digas isso!

BEMVINDA

*(Com desespero).* Meu padrinho, elle esteve hoje na igreja!

PAE FLORENTINO

Quem é elle?

BEMVINDA

Nhonhô Pedrinho, meu padrinho, nhonhô Pedrinho!

PAE FLORENTINO

Socega, menina, socega. Que medo pódés ter do nhonhô nem dos seus.

BEMVINDA

*(Afastando-se de páe Florentino).* Medo, eu! padrinho?

PAE FLORENTINO

Pois então?

BEMVINDA

Não é medo, padrinho, não é medo. E' que quero tanto a nhonhô Pedrinho, desde pequena...e, depois elle olhava para mim hoje tão triste. *(Fica pensativa).*

PAE FLORENTINO

Isto é o diabo! Mas, como viu que elle olhava para você d' esse modo?

BEMVINDA

Elle chorou, padrinho, elle chorou, e sabindo da igreja, n'aquella confusão disse-me ao ouvido:—Colombia! não me conheces?... Então eu perdi os sentidos... *(Chora).*

PAE FLORENTINO

Socega, sinhá, socega. Ninguem ouviu o que você acaba de me dizer?

BEMVINDA

Eu nada sei. Nhonhô seguiu-me n'um tilbury até aqui.

PAE FLORENTINO

*(Com anciedade).* Laurindo o viu?

BEMVINDA

Eu nada sei, padrinho, eu nada sei. Eu só vi nhonhô.

PAE FLORENTINO

Bom, minha filha, bom. Você quer muito bem a nhonhô e eu tambem. Que quer você que eu faça?

BEMVINDA

*(Ruborisada).* Eu não sei o que quero, padrinho. *(Váe para a janella e fica olhando para a rua).*

PAE FLORENTINO

Isto sim que é o diabo! Eu pensarei. *(Vem fallando animadamente páe Thomaz e Laurindo).*

**Scena IV.**

PAE FLORENTINO, BEMVINDA, PAETHOMAZ e LAURINDO.

PAE THOMAZ

*(Fitando com seriedade e ternura Bemvinda e páe Florentino, fecha a porta do corredor).* Estamos sós e posso fallar. O Dr. sabe tudo. Emquanto preparão o almoço, podemos fallar. Você, minha filha, tomará uma chicara de chá. O moleque vem já trazel-a. Sentem-se e vamos ao caso. *(Páe Thomaz senta-se e os mais ficam em pé. Bemvinda ao pé da janella olha de vez em quando para a rua por entre as persianas.)*

PAE THOMAZ

*(Com mysterio).* Bemvinda já fez 18 annos. Todos nós sabemos o que passou-se ha 10 annos. Não é assim, compadre? *(Páe Florentino inclina a cabeça em signal de assentimento).* Trata-se agora, como dizia ao Dr., de pôr a menina a coberto de qualquer... pois... de qualquer perigo, digo, de qualquer amofinação... Que diacho! não é esta a palavra; mas vocês me entendem, não é assim, compadre? O Dr. sabe mais do que eu. Eu não sei fallar, minha filha, mas quero a você como si fosse minha. O caso é que

Bemvinda fez hoje a primeira communhão e talvez dentro d'um anno... não é certo Dr. ? pois talvez dentro d'um anno... falle, meo filho, falle.

LAURINDO

Não se trata por enquanto d'isso, meo pae; trata-se de Bemvinda.

PAE THOMAZ

Pois bem, trata-se de Bemvinda. (*Laurindo váe para a outra janella e olha para a rua. Bemvinda continúa na posição que assumio no principio*). Pois bem, trata-se de Bemvinda... (*Dirigindo-se ao pae Florentino*). Olhe, compadre, o melhor é que você diga as cousas, porque eu me atrapalho. Que diacho!

PAE FLORENTINO

(*Virando-se para sua affilhada*). O negocio é simples: para nós tres não é uma novidade; ha muitos dias que trabalhamos n'esse sentido pelo amor de você, minha affilhada. (*Bemvinda aproxima-se de pae Florentino; Laurindo colloca-se ao pé d'ella*). Dentro de tres dias, para evitar qualquer diabrura, você naturalisar-se-ha ingleza...

BEMVINDA

Ingleza!... eu!...

PAE THOMAZ

Você, minha filha. (*Laurindo fita a moça, que olha para pae Florentino com assombro*).

BEMVINDA

Eu!... eu!... Eu sou brasileira, Laurindo!

LAURINDO

(*Calhando de joelhos aos pés de Bemvinda e beijando-lhe as mãos*). Você é um anjo, Bemvinda! Sim, meo pae, Bemvinda é um anjo.

PAE THOMAZ

(*Com as lagrimas nos olhos*) Sim, meo filho, Bemvinda é um anjo! (*Pae Florentino observa em silencio o quadro*).

LAURINDO

(*Ainda de joelhos*). E' brasileira, serás brasileira e...

BEMVINDA

Escrava ou forra sou e serei brasileira.

LAURINDO

(*Erquando-se e com energia*). Amaldiçoada escravidão! Aqui todos somos brasileiros! (*Ha uma pausa. N'este momento de si-*

lencio atirão, pelas persianas da janella onde estava antes Bemvinda, um bilhetinho. Ao ruido que faz o papel, cahindo no chão, vira-se Laurindo e o apanha).

LAURINDO

E' uma carta! (*Abre e lê. Immuta-se e treme convulsivamente*).

PAE THOMAZ

Que tens, meo filho? Que é isso?

BEMVINDA

(*Pallida*). O que é, Laurindo?

PAE FLORENTINO

(*Com anciedade*). O que é?

LAURINDO

(*Tremendo, entrega a carta a Bemvinda*). Lê a senhora.

BEMVINDA

(*Commovida e curiosa*). Minha... Celombia!... ai!... (*Cabe desmaiada nos braços de Laurindo*).

FIM DO 2º ACTO.

## ACTO III.

PAE E ESCRAVO

### QUADRO I.

A sala da casa dos negros minas : o mesmo scenario do quadro 2.º do acto 1.º

#### Scena I.

TIA ROSA E PAE THOMAZ.

TIA ROSA

*(Entrando e olhando para o pae Thomaz, que está saboreando uma chicara de café).* Agora, Vm. ficou persuadido de que as mulheres temos palpites que os homens não têm. O rapaz acaba de sahir todo sorumbatico por essas ruas. A menina não quer sahir do quarto, está envergonhada. Eu dizia sempre a Vm. isso mesmo: Vm. teimava; mas Vm. é homem. A menina quer o Laurindo como seu mano: e ahí ponto final. Vm. fez infeliz o seu filho com as suas facilidades e allusões.

PAE THOMAZ

*(Bebendo aos goles o seu café).* Rosa, a Senhora já acabou com as suas lamurias? Pois então deixe-me tranquillo. O rapaz é homem; emfim, é homem: eu cá sei: a afilhada é menina, e isto basta. Pois Você, mulher de Deus, acredita que se ella amasse o nosso filho como mano, teria aquelle faniquito? Bôas! deixemos passar esta pancada d'agua e depois veremos os morros claros. Eu cá sei: a difficuldade é saber as pancadas aos vintens.

TIA ROSA

Vm. é teimoso como què. Gente! Vm. ha de se arrepender da sua toleima.

PAE THOMAZ

Vm. está muito falladeira, siá Rosa: Vm. está muito prosa: e sabe o que mais? Pois eu já sou velho para ter conselheiro: deixe-me saborear o meu café. Ora, ora! dizer que a menina quer o rapaz como seu mano! Pois, mulher de Deus, eu vou fazer vêr a Vm. que os seus palpites de mulher não prestão para cousa alguma. Vão da minha parte, e diga a menina que eu quero fallar-lhe agora mesmo: que Laurindo sabiu: que eu preciso lhe dizer uma cousa muito importante, antes de que cheguem meu filho e

## ACTO III.

PAE E ESCRAVO

### QUADRO I.

A sala da casa dos negros minas : o mesmo scenario do quadro 2.º do acto 1.º

#### Scena I.

TIA ROSA E PAE THOMAZ.

TIA ROSA

*(Entrando e olhando para o pae Thomaz, que está saboreando uma chicara de café).* Agora, Vm. ficou persuadido de que as mulheres temos palpites que os homens não têm. O rapaz acaba de sahir todo sorumbatico por essas ruas. A menina não quer sahir do quarto, está envergonhada. Eu dizia sempre a Vm. isso mesmo: Vm. teimava; mas Vm. é homem. A menina quer o Laurindo como seu mano: e ahí ponto final. Vm. fez infeliz o seu filho com as suas facilidades e allusões.

PAE THOMAZ

*(Bebendo aos goles o seu café).* Rosa, a Senhora já acabou com as suas lamurias? Pois então deixe-me tranquillo. O rapaz é homem; emfim, é homem: eu cá sei: a afilhada é menina, e isto basta. Pois Você, mulher de Deus, acredita que se ella amasse o nosso filho como mano, teria aquelle faniquito? Bóas! deixemos passar esta pancada d'agua e depois veremos os morros claros. Eu cá sei: a difficuldade é saber as pancadas aos vintens.

TIA ROSA

Vm. é teimoso como quê. Gente! Vm. ha de se arrepender da sua toleima.

PAE THOMAZ

Vm. está muito falladeira, siá Rosa: Vm. está muito prosa: e sabe o que mais? Pois eu já sou velho para ter conselheiro; deixe-me saborear o meu café. Ora, ora! dizer que a menina quer o rapaz como seu mano! Pois, mulher de Deus, eu vou fazer vêr a Vm. que os seus palpites de mulher não prestão para cousa alguma. Váe da minha parte, e diga a menina que eu quero fallar-lhe agora mesmo: que Laurindo sabiu: que eu preciso lhe dizer uma cousa muito importante, antes de que cheguem meu filho e

páe Florentino. Vm. ha de ver como a menina vem depressa. Váe, Rosa: deixa-me só com ella e depois fallaremos.

TIA ROSA

(*Fazendo um gesto de incredulidade*). Duvido....

PAE THOMAZ

Duvide como quizer: eu cá sei.

TIA ROSA

(*Váe sahir e volta dizendo*). Ahi vem o Laurindo.

PAE THOMAZ

Adeus as minhas encommendas... (*pensa*). Não faz mal. Vm. dá o recado. (*Sahe tia Rosa*).

## Scena II.

PAE THOMAZ E LAURINDO.

LAURINDO

(*Entrando*). Bom dia, meu páe. (*Beija-lhe a mão*).

PAE THOMAZ

(*Sorrindo*). O Doutor vem da rua?

LAURINDO

(*Largando o chapéo e tomando assento*). Sahi decidido a procurar uma pessôa; mas reflecti e venho dizer a Vm. o que pensava fazer.

PAE THOMAZ

Aqui tens o teu velho páe disposto a fazer por ti todos os sacrificios imaginaveis.

LAURINDO

Obrigado, meu bom páe, obrigado pelos seus desejos. Ouça e perdõe a franqueza do seu filho.

PAE THOMAZ

(*Fingindo alegria*). Pois bem, falle Vm. que eu escuto.

LAURINDO

(*Com vehemencia*). Sahi decidido a procurar o Sr. Alvares para lhe perguntar com que direito ousou atirar aquella carta pela janella....

PAE THOMAZ

(*Interrompendo seu filho*). Você fazia uma tolice muito grande; Você fazia uma criançada. Diacho! Se eu soubesse fallar, Você veria que essas cousas não se arranjam d'esse modo.

LAURINDO

Meu páe tem carradas de razão; por isso reflecti e estou decidido a fallar com Bemvinda agora mesmo, fallar-lhe-hei sobre este negocio por primeira e ultima vez.

PAE THOMAZ

Você tem mais letras do que eu; mas carece da minha experiencia. Eu fui escravo, quando moço, e de escravo ficou-me a desconfiança. Eu não sei dizer as cousas como Você, mas vou ao fundo. A menina deve vir agora ter comigo: está envergonhada, segundo diz tua mãe: se eu lhe fallar primeiro, poderá acreditar que temos combinado esta conversa. Ella não pôde tardar. Você promete dizer-me o que passar entre Vocês dous?

LAURINDO

Prometto, meu páe.

PAE THOMAZ

Então deixe-me fazer. Estou certo que hoje ficará o negocio concluido.

LAURINDO

Terminado!... Como?

PAE THOMAZ.

Eu cá sei. Você quer a menina para sua mulher, e eu a quero para minha nôra: não é isto? Pois então descanse.

LAURINDO

Mas....

PAE THOMAZ

Mas eu tenho 58 annos e Você 23: eu fui escravo e Você foi sempre livre. Não fallemos mais n'isso. (*Páe Thomaz leva o dedo index aos labios e com um gesto indica a Laurindo que se retire para o lado contrario da porta que váe ter no corredor. Ouve-se cochichar fóra*).

BEMVINDA

(*Assomando*). Posso entrar?....

PAE THOMAZ

(*Levantando-se e dando um abraço na moça*). Venha cá, meu bem, venha cá. Como passou?

BEMVINDA

(*Envergonhada, susta os passos, enxergando Laurindo*). O Senhor chamou-me?.....

PAE THOMAZ

E' verdade, minha filha.

LAURINDO

(*Com ternura*). Bom dia, Bemvinda, como está ?

BEMVINDA

(*Baixando os olhos*). Bôa, Laurindo. E Você como passou ?

PAE THOMAZ

Fiquem aqui ; eu volto já. (*Sohe*).

### Scena III

LAURINDO E BEMVINDA

LAURINDO

(*Olhando para Bemvinda que fita o oratorio. Ha uma pausa*). E' necessario que te falle talvez pela ultima vez. Eu te amo, Bemvinda, com todo o meu coração ; eu nunca amei senão a ti.....

BEMVINDA

(*Ruborisada e tremula*). Olha, Laurindo, que teu pae deve voltar já...

LAURINDO

(*Com paixão*). Ouve-me... Eu sei que sou homem de côr ; mas tu sabes que tenho coração e te amo com delírio... tu és... quasi minha mana. Eu sou homem de côr ; mas, Bemvinda, a intelligencia, a honestidade, a virtude, o coração e o amor não tem côr. Ha pretos, ha homens de côr, que valem muito mais do que se fossem brancos.

BEMVINDA

Eu te quero muito, Laurindo, mas não sei o que queres dizer com essas palavras.

LAURINDO

(*Com enthusiasmo*). Tu me queres muito, Bemvinda ? Eu te idolatro ; mas sei que és branca comparada comigo.

BEMVINDA

(*Indecisa*). Laurindo socega, olha que teu pae vem já.

LAURINDO

(*Com effusão*). Eu te conheci desde creança ; eu te amei desde creança ; eu sonhei em ti desde creança ; estudei por ti ; vou me formar por ti ; e tenho ambição de ter um nome por ti.

BEMVINDA

Socega, Laurindo, (*ruborisada*), eu te quero muito ; mas...

LAURINDO

(*Com desespero*). Mas eu sou homem de côr... (*Com energia*). Ha um francez que vale milheiros de brancos e é mulato. A educação é tudo, Bemvinda, a côr é uma cousa accidental. Sem ti, meo amor, nada serei : não estudarei mais, não terei ambições : sem ti, Bemvinda, a vida é-me inutil, pesada, insupportavel.

BEMVINDA

(*Com timidez*). Não falles assim. Pois eu não te disse que te quero muito ?

LAURINDO

(*De mansinho*). Então porque?... Digo, Bemvinda, digo ?

BEMVINDA

(*Abatida*). Eu sei... (*enxuga uma lagrima*). Não digas, eu sei. Olha, Laurindo ; mas não sei... como explicar o que sinto.

LAURINDO

(*De joelhos*). Falla, falla, o meo futuro depende das tuas palavras.

BEMVINDA

(*Fazendo um esforço*). E' o sangue, Laurindo, é o sangue : não sou eu.

LAURINDO

(*Erguendo-se com dignidade*). Entendo, Bemvinda, comprehendo. Pois bem, o meo sangue provar-te-ha que é capaz de todos os sacrificios, das maiores provas de consagração, de todos os heroismos, com tal de te ver feliz. Eu sou teo mano, e nada mais do que teo mano. A nossa raça é passiva e por essa razão pouco conhecida ; mas na sua passibilidade ha um fundo de heroismo de que as outras raças não são capazes de dar exemplo. Eu sou teo mano e só teo mano.

BEMVINDA

(*Com effusão*). Você é meo mano e meo amigo ; mas você não sabe o que eu sinto.

LAURINDO

O homem, Bemvinda, cessou já de existir perto de ti : de hoje



em diante tens um irmão : e um irmão, sacrificando-se pela irmã, só cumpre um dever natural.

BEMVINDA

Laurindo eu sou tua irmã. *(Dão-se as mãos. Ha um momento de silencio: os dous olhão para o chão).*

**Scena IV.**

OS MESMOS, PAE THOMAZ E PAE FLORENTINO.

PAE THOMAZ

*(Entrando e virando-se para pae Florentino).* Você já viu, compadre, o que são estas crianças ? Pois não estavam ensaiando uma quadrilha ! ha ! ha ! ha ! ha ! *(Laurindo e Bemvinda voltão a si com a presença inesperada dos dous velhos e afastão-se timidamente).*

PAE FLORENTINO

Bom dia, meos filhos.

BEMVINDA

*(Indo ao encontro de pae Florentino).* Meo padrinho !...

PAE THOMAZ

*(Risonho).* O compadre quer fallar ao Doutor : eu preciso fallar a Vm., deixemo-los sós e vamos lá dentro ; depois voltaremos. *(Pega na mão de Bemvinda e os dous sahem).*

**Scena V.**

LAURINDO E O PAE FLORENTINO.

PAE FLORENTINO

*(Observando os movimentos de Laurindo que segue com o olhar Bemvinda).* Eu sou ignorante, Dr., ainda não larguei a casca da escravidão ; mas eu tenho coração. Você soffre : eu não quero vê-lo soffrer.

LAURINDO

*(Com resignação).* Soffro e soffrerei por muito tempo, talvez por toda a vida ; mas soffro resignado.

PAE FLORENTINO

Sei que você não poderá acreditar no que vou dizer ; juro, porém, que vivo só por tres pessoas.

LAURINDO

Obrigado, pae Florentino, muito obrigado ; mas o negocio não tem remedio.

PAE FLORENTINO

Deixe-se de ceremonias comigo. Si eu tivesse continuado na escravidão, acharia só um remedio — enforcar-me ; — mas não o farei. Olhe, Dr., eu sei agora que ha um Deus no céu.

LAURINDO

Um Deus que não faz o milagre de mudar a côr...

PAE FLORENTINO

Mas que olha para o nosso coração.

LAURINDO.

O coração, pae Florentino, está escondido no peito : os homens não o podem ver.

PAE FLORENTINO.

Mas Deus o devassa. Escute, Dr., o que vou lhe dizer e fique certo que ha de acontecer tal qual eu o direi. *(Com ar de convicção).* Bemvinda não pôde pertencer ao moço de que Vm. tem ciumes.

LAURINDO

*(Com vivacidade).* Quem lhe disse ?

PAE FLORENTINO

Eu !

LAURINDO

*(Com anciedade).* Explique-se... será!...

PAE FLORENTINO

Será o que fôr ; mas é assim como eu digo. Hoje, antes da noite, saberá que o que eu acabo de lhe dizer é verdade. Bemvinda, o Dr. e esse moço são as tres pessoas que eu amei em toda a minha vida, e juro por vocês tres que digo a verdade.

LAURINDO

*(Com abatimento).* O Sr. está fazendo-me muito mal. A cabeça ferve-me... não posso adivinhar...

PAE FLORENTINO

Nem quero que advinhe. Eu sou velho e para nada mais posso prestar n'este mundo. Bemvinda tem os paes de Vm., que a quem como filha.

LAURINDO

Eu sou seo mano.

PAE FLORENTINO

Ha de cuidal-a como sua. . . mana. Deixe-me fazer, faltão poucas horas.

LAURINDO

(*Com animação*). Mas diga-me, Florentino, que quer fazer ?

PAE FLORENTINO

O que quero fazer ? E' muito simples e não merece as honras de ser contado. Vocês salvarão-me na desgraça ; vocês salvarão, educarão e tratarão como filha a menina por quem estou prompto a morrer : vou pagar esta divida.

LAURINDO

Mas que é o que pretende fazer, pae Florentino ?

PAE FLORENTINO

(*Com apparente frieza*). Para salvar a muitos, perder um só.

LAURINDO

(*Commovido*). Quem é o sacrificado ?

PAE FLORENTINO

(*Com calma*). Esse é o meo segredo. O escravo, Dr., soffre em silencio durante toda a vida, e o seo sacrificio é inglorio n'este mundo ; o escravo pôde ter gloria e recompensa eterna e ao mesmo tempo gozar da liberdade.

LAURINDO

(*Pegando no braço de pae Florentino*). Eu nada comprehendo ; mas o Sr. não sahe d'aquí.

PAE FLORENTINO

(*Filando Laurindo*). Não seja creança, meo filho, sahirei e voltarei. Jura, Dr., por Deus, nada dizer até eu voltar ?

LAURINDO

Juro ; mas com a condição de que voltará esta noite.

PAE FLORENTINO

Ou amanhã.

LAURINDO

(*Irresoluto*). Ou amanhã. . .

PAE FLORENTINO

Vou-me embora : tenho muito que fazer.

LAURINDO

Não diz adeus á Bemvinda ?

PAE FLORENTINO

Porque não ?

LAURINDO

Vamos lá dentro.

PAE FLORENTINO

Chame-os : aqui estou muito mais perto da porta da rua. (*Laurindo sahe*).

PAE FLORENTINO

(*Só e voltando-se para o oratorio*). Na. Sa. dos Remedios, o remedio é forte ; mas váe curar uma doença grave. Ajudai-me !

## QUADRO II.

A sala da casa de Pedro Alvares, etc. etc.

### Scena I.

MR. HARRIS E PEDRINHO.

PEDRINHO

Já disse ao amigo que acceito, e que envidarei todos os meos esforços para ser cada dia mais brasileiro ; porque de outro modo não assumiria a responsabilidade da publicação.

MR. HARRIS

Louvo o seo modo de pensar. O character inglez, como particular, detesta a duplicidade e indigna-se com a traição. Trabalhe-mos pela felicidade dos homens, sejam elles da côr que forem. Meo amigo, o governo inglez e os nossos primos da America do Norte são os primeiros que errarão n'esta questão da emancipação do elemento servil.

PEDRINHO

E' positivo, meu amigo. A passagem rapida da escravidão para a liberdade, sem ter preparado com a instrucção religiosa, moral e elemental essa raça digna de melhor sorte, é uma verdadeira loucura. Que ganharão os inglezes com a emancipação da gente de côr nas suas Antilhas ? Povoarão o paiz de ladrões, vadios e mendigos e converterão em lupanares as choupanas d'esses desgraçados. Tomei teiró com a civilisação moderna e enguei com certas

idéas: os livres pensadores abandonarão a religião e esperão tudo do trabalho e da instrucção. E' um erro fatal, especialmente para as nossas sociedades novas americanas. A liberdade é o eixo do mundo moral; mas sem os dous pólos— religião e educação— o mundo voltaria aos chãos.

MR. HARRIS

Apoiado, Sr. Alvares, apoiado Nós os inglezes já colhemos os espinhos do nosso deleixo nas Antilhas: os Anglo-americanos hão de experimentar, com o correr dos annos, esse mesmo ingrato resultado. O homem de còr, não é cousa, é um ser intelligente como nós e carece de Deos e polimento para fazer ver que ha tambem diamantes pretos.

PEDRINHO

Os ha, Mr. Harris, os ha... Eu conheço muitos que quando erão escravos, baldos das noções religiosas e sem educação, apenas frisavão com a razão humana; e agora são anjos, heróes, intelligencias privilegiadas e gente muito de bem.

MR. HARRIS

Então, meo amigo, estamos de accordo. Amanhã poderá passar pelo nosso escriptorio e fecharemos o negocio

PEDRINHO

E' negocio decidido. Irei lá das 11 horas ao meio dia.

MR. HARRIS

Não é boa hora, seria preferivel que o Sr. viesse depois das tres horas.

PEDRINHO.

(*Levantando-se*). Dá no mesmo. Até amanhã.

MR. HARRIS

Meos cumprimentos e emboras ás senhoras.

PEDRINHO

Agradecerão muito Mamãe anda lá por dentro muito atrapalhada.

MR. HARRIS

Sem mais, até amanhã. (*Despedindo-se*). Estou satisfeito; porque o Sr. é um moço de talento e probidade.

PEDRINHO

Muito obrigado. (*Harris sahe para a rua*).

Scena II.

PEDRINHO E ROSAURA.

PEDRINHO

(*Só*). Não sei como pude fallar. A imagem de Colombia está aqui: (*acena o coração*) eu vou dizer tudo a minha mãe. Passei a noite scismando. Fiz uma loucura atirando aquelle bilhete pela janella. Quem o apanharia? E se não foi ella?... Enfim, Colombia ha de ser minha: a quero desde menino: nunca d'ella me esqueci. Tinha medo de nomeal-a quando fallava á minha mãe. Hontem quando a reconheci na igreja, chorei, não sei porque; mas chorei... Colombia será minha mulher. Mamãe, ó' mamãe!

ROSAURA

(*Entrando*). Que ha de novo, meu filho?

PEDRINHO

(*Alteradas as feições*). Amanhã assignarei o contracto no escriptorio de Mr. Harris: amanhã, mamãe, cessarão de chorar Vm., minha mana e papáe; e hoje começarei eu a chorar.

ROSAURA

(*Immutada*). Mas porque, meo filho? Mas você accredita que poderia ser eu feliz sendo você desgraçado? Não, meu filho. Sou pobre, quero continuar a ser pobre, mas você não soffrerá!

PEDRINHO

Ah! mãe! eu seria o homem mais feliz, si não tivesse visto hontem o que vi.

ROSAURA

Mas que viste, meo filho.

PEDRINHO

(*Com enthusiasmo*). Vi Colombia, mamãe, vi Colombia, fazendo a sua primeira communhão! Vi Colombia, mamãe: está tão bonita! (*Dá um abraço em sua mãe*).

ROSAURA

(*Com desespero*). Você perdèu a cabeça, meo filho? A alegria te fez perder a razão?

PEDRINHO

(*Com abandono*). Perdi a razão, mamãe! Colombia é muito bella! Eu amo a Colombia, mamãe.

ROSAURA

Socega, meu filho, socega. Que dizes, que tens?

PEDRINHO

Ah! mamãe, eu morro si Colombia não fôr minha mulher.

ROSAURA

(Fitando seo filho). Perdeste a razão, meo pobre filho? onde está Colombia?

PEDRINHO

Na rua traz do Carmo, na casa dos negros minas, que comprã-rão o anel de mamãe.

ROSAURA

Mas quem te disse que é Colombia?

PEDRINHO

O meu coração, mamãe, o meu coração! Ella desmaiou-se, quando hontem nos apertos da sahida da igreja eu lhe disse: — Colombia não me reconheces? — Ella desmaiou-se, mamãe! Eu senti um abalo tão grande no coração, como se tivesse achado uma irmã perdida para sempre. Colombia é muito bonita, minha mãe!

ROSAURA

(Pensativa e pallida). Meo filho, você sabe que não ha sacrificio para sua mãe, tratando-se de sua felicidade; mas você deve esquecer essa menina. Foi... sua escrava... si fôr ella...

PEDRINHO

(Com vehemencia). E porque foi escrava não a devo querer, minha mãe?

ROSAURA

(Embaraçada). Não é por isso só; mas si teu pãe soubesse semelhante loucura... morreria.

PEDRINHO

(Reflectindo). Uma idéa... minha mãe, uma idéa... (Pega no chapéo e sahe de chofre para a rua).

ROSAURA

(Só e com dôr). Pobre do meu filho! perdêo a razão! (Ouve-se o rodar da cadeira de Pedro Alvares que diz, fóra, a Adelina).

PEDRO ALVARES

Pu... xa... cha... ma... tu... a... a mãe... Dia... bo!  
(Rosaura váe ao encontro de seu marido).

Scena III.

PEDRO ALVARES, ROSAURA E ADELINA.

PEDRO ALVARES

Que... dia... bo... de... con... ver... sa... ti... nha... a  
...Senho... o... ra... com... seo... filho?...

ROSAURA

(Puxando a cadeira juntamente com Adelina). Depois te direi.

PEDRO ALVARES

Sa... fa... com... os... mys... terios da mulher!...

ADELINA

Onde quer papãe a cadeira?

ROSAURA

N'este cantinho da janella.

PEDRO ALVARES

Perto da... ja... nella...

ROSAURA

Aqui está muito bem. (Dirigindo-se a Adelina). Minha filha, váe lá dentro arrumar a sala de jantar, que eu quero fallar a teo pãe.

PEDRO ALVARES

Ima... gi... no, algu... ma massa... da da... Sra... D. Agar...

ROSAURA

Vãe, minha filha, váe. (Adelina sahe e fecha a porta. Rosaura olhando para a porta que fechou sua filha e indo perto de seu marido). Você se lembra de Colombia?

PEDRO ALVARES

Da... filha... da mu... la... ta... Agar?... Sim... me... lembro... Porque?... (Fitando sua mulher).

ROSAURA

(Observando seu marido e fingindo indifferença). Acabo de saber que está na corte.

PEDRO ALVARES

Na casa... de alguma... messalina?

ROSAURA

(Com pausa). E que fez hontem a sua primeira communhão.

PEDRO ALVARES

(Com emoção). Quem.... te.... disse?....

ROSAURA

(Fita o seu marido). O nosso filho que a vio!

PEDRO ALVARES

(Commovido). Pe.... Pe.... dro... a.... vio?....

ROSAURA

(Pausadamente). E diz que é uma belleza perfeita. O rapáz diz d'ella maravilhas. (Com tristeza). Quasi perdêo o juizo.

PEDRO ALVARES

(Com vivacidade). Agar.... sabe?....

ROSAURA

(Observando a alteração de seu marido). Acredito que nada sabe.

PEDRO ALVARES

(Baixando a cabeça e reflectindo). Bom.... seria.... que.... o.... sou.... besse....

ROSAURA

(Accentuando as palavras). Pedro,.... desculpa; mas o nosso filho perdeu a razão; falla com um enthusiasmo da moça que.... que eu, como mãe, temo da sua parte uma doudice de rapáz.

PEDRO ALVARES

Qual.... o.... que!....

ROSAURA

E se o nosso filho se apaixonasse de Colombia?

PEDRO ALVARES

Ho!.... Ho!.... Ho!.... (Engasga-se). Is.... so.... não.... pó.... de.... ser....

ROSAURA

Deus te ouça, Pedro; porque seria uma desgraça.

PEDRO ALVARES

(Reflectindo). Que.... ro.... fal.... lar.... fal.... lar.... (Engasga-se). Você.... diz.... ho.... je.... a.... Agar.... que.... váe.... pro.... pro.... curar.... sua.... fi.... lha.... Dia.... ho!.... Não.... posso.... fal.... lar.... ho!.... ho!.... ho!.... (Engasga-se e treme convulsivamente).

ROSAURA

Fica tranquillo, meu Pedro: eu sei o que Você quer. (Pedro Alvares fecha os olhos e fica em silencio. Rosaaura observa-o e olha para a porta da rua).

PEDRO ALVARES

A.... gua.... (Rosaaura váe ao interior da casa para trazer agua em um moringue).

PEDRO ALVARES

(Só e fitando o céu). Vou.... ser.... uma.... vez.... pai....

ROSAURA

(Entrando apressadamente). Aqui tens: bebe aos goles. (Pedro Alvares bebe e olha para sua mulher como pedindo indulgencia).

PEDRO ALVARES

(Tremendo). Cha... ma... Adel...

ROSAURA

Que tens?

PEDRO ALVARES

Na... da... Quero... ter... vos... perto de.... mim....

ROSAURA

Adelina, Adelina, minha filha!

ADELINA

(Entrando). Que quer, mamãe. (Pedro Alvares acena com a cabeça para que sua filha venha perto d'elle. Rosaaura faz com que se colloque ao lado de seu pãe, e ella fica no espaldar da cadeira inclinando o corpo para seu marido. Este reclinna a cabeça na seio de Adelina. As duas chorão. Ha um momento de silencio. Batem á porta, e ellas, sem abandonarem o doente, fitão á porta).

ROSAURA

(Em voz alta). Entre!.... (de mansinho). Talvez seja Pedrinho. (Em voz alta). Entre...

#### Scena IV.

PAE FLORENTINO E OS MESMOS.

PAI FLORENTINO

(Empurrando a porta, entra; fecha-a de novo e cahe de joelhos aos pés de Pedro Alvares, bradando): Aqui está seu escravo, meu

senhor! aqui está seu escravo, minha sinhá! aqui está o pãe José... (*Sensação profunda nos tres*). Aqui está o seu escravo... que vem pedir perdão...

PEDRO ALVARES

(*Erguendo a cabeça e fitando pãe José*). Vo... cê... è... fôr... ro! On... de... está... Co... lombia?...

ROSAURA

Onde está Colombia?

ADELINA

Você é forro, todos são forros.

PAE JOSE'

(*Ainda de joelhos*). Colombia é forra? (*Chora*). Eu sou seu escravo, meu senhor, eu sou seu escravo. Pãe José escravo era o demonio da casa, forro será o seu anjo tutelar.

PEDRO ALVARES

On... de... es... tá... Co... lombia? Falle.

PAE JOSE'

Vou trazel-a, meu senhor, vou trazel-a.

### Scena V.

OS MESMOS, COLOMBIA, PEDRINHO, LAURINDO, AGAR  
E PAE THOMAZ

PEDRINHO

(*Empurrando a porta e sem reparar em que pãe José está ainda de joelhos*). Minha mãe, aqui está Colombia! (*Todos ficam em silencio*).

PEDRO ALVARES

(*Erguendo-se, olha para os recémchegados e faz um esforço supremo*). E'... minha... fi... lha!... (*Cahe estrebuchando nas agonias da morte. Agar bota-se aos pés de Rosaura que attende ao seu marido: Colombia cáhe desmaiada nos braços de Pedrinho: pãe José recebe nos seus Adelina. Laurindo váe attender o moribundo: pãe Thomaz cobre com as mãos o seu rosto*).

LAURINDO

(*Depois de examinar a Pedro Alvares*). E' cadaver!.... Eis ahi um dos episodios medonhos da escravidão!....

FIM DO 3.º E ULTIMO ACTO.

## EPILOGO

### A FITA DO CRUZEIRO

A scena passa-se nas visinhanças de Curupaity. Bosque. Epoca 1866. Ouve-se ao longe o ribombo da artilharia, e perto os tiros das espingardas brasileiras. Ondeia n'uma lança o pãvilhão auri-verde n'uma especie de ribanceira.

### Scena I.

UM OFFICIAL BRAZILEIRO, PEDRO ALVARES E SOLDADOS  
DE INFANTARIA.

VOZES DOS SOLDADOS

Viva o Brazil! Viva o Imperador!... Viva!... viva!... (*Repete-se ao longe o retumbo da artilharia*).

OFFICIAL BRAZILEIRO

Fogo, rapazes, pela esquerda, avante!... (*Fazem fogo no lado esquerdo*). Viva o Brazil!...

SOLDADOS

Viva!... viva!...

UM SOLDADO

Com mil bombas, diabo! Ahi vem ferido mortalmente o valente capitão Alvares.

OFFICIAL BRAZILEIRO

Vinte homens, vinte homens aqui: guarda d'honra a este heróe. Viva o Brazil! (*Apparecem alguns soldados carregando o corpo quasi exanime de Pedro Alvares*).

PEDRO ALVARES

(*Com voz desmaiada*). Vencemos! Viva o Brazil!...

OFFICIAL BRAZILEIRO

O Dr. está ahi perto?

PEDRO ALVARES

Deitem-me aqui.

SOLDADOS

Ahi está o Dr., ahi está o Dr.

**Scena II.**

OS MESMOS E O DR. LAURINDO, *que vem apparecendo.*

OFFICIAL BRAZILEIRO

Aqui, Dr., aqui! E'o capitão Alvares, o bravo dos bravos.

DR. LAURINDO

*(Dando um abraço em Alvares).* Deus me trouxe, Pedro, Deus me trouxe. Vamos ver. *(Examina as duas feridas do peito e faz um gesto de desespero).*

PEDRO ALVARES

*(Quasi desmaiado).* Deus te trouxe! olha... vou morrer! Pega n'esta fita do Cruzeiro, tingida com o meo sangue... leva-a ao Rio... e dize a Colombia... que é a vontade do seo mano moribundo que seja tua... mulher...

LAURINDO

*(Com desespero).* Pedro! Pedro!...

ALVARES

*(Agonizando).* Tua... mulher...

LAURINDO

*(Com brado desesperado).* Pedro!... Morreo!... O Brazil tem heróes e martyres. Colombia é irmã da Caridade! *(Ouvem-se ao longe os tiros da artilharia e os vivas dos soldados).*

FIM DO DRAMA.

ERRATAS.

PAGS.	LINS.	ERROS	EMENDAS
10	22	filhá	filha.
12	16	hasde	has de
»	32	avò	avó
14	22	a minha	á minha
15	24	ouça,	ouça.
34	34	difficil	é difficil
35	5	felizn	feliz
57	27	Páe Thomaz	Páe Florentino.
73	26	Não	Não.
76	14	Rosausa	Rosaura
78	28	Florindo	Florentino.
80	32	d'sse	d'esse
79	30	ortorio	oratorio.
82	35	E'	Es

jac  
13-5-4  
m: 1, 5



